

fórum
social
mundial

15
ANOS



**15 anos de
FÓRUM SOCIAL MUNDIAL**
**balanços, desafios e
perspectivas da luta
por outro mundo possível**

Organização:
Coletivo FSM Brasil 2016

**15 anos de
FÓRUM SOCIAL MUNDIAL
balanços, desafios e
perspectivas da luta
por outro mundo possível**

Outubro de 2016

Coletivo FSM Brasil 2016

Mauri Cruz

Abong – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais

Damien Hazard

Abong– Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais | Vida Brasil

Rita Freire

Ciranda Internacional de Comunicação Compartilhada

Leonardo Vieira e Rogério Pantoja

CUT – Central Única dos Trabalhadores

Salete Valesan Camba

Flacso – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

Nilza Iraci

Geledés – Instituto da Mulher Negra

Liège Rocha

UBM – União Brasileira de Mulheres

Sheila Ceccon

IPF – Instituto Paulo Freire

Expediente

Organização

Amanda Proetti

Maíra Vannuchi

Redação

Damien Hazard

Maíra Vannuchi

Mauri Cruz

Colaboração

Nicolau Soares

Tradução

Maurício Ayer

Revisão

Reneti Antocheviz

Diagramação

Beto Fagundes

Artigos

Bia Barbosa

Chico Whitaker

Damien Hazard

Erika Campelo

Gina Vargas

Gustave Messiah

Liege Rocha

Mauri Cruz

Oded grajew

Orlando Vitor Noal Neto (Sinistro)

Rita Freire

Sheila Ceccon

Uddhab Pyakurel

Vijay Pratap

Fotos

Acervo Abong

Ayrton Centeno

Beto Fagundes

Chloé Blanc-Benigeri

Tiago Silveira

Impressão

Max Editora

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
FSM 15 Anos – Balanços, Desafios e Perspectivas	9
O FSM 15 Anos no Contexto dos processos do FSM	12
FSM2016 Montreal, Canadá	14
FSM – Desafios e Perspectivas	18
ARTIGOS	
Conjugando o espaço no tempo presente: Reflexões sobre o Fórum Social Mundial <i>Por Carminda Mac Lorin</i>	23
Reflexões sobre o FSM <i>Por Gina Vargas</i>	25
Os Fóruns sociais mundiais na encruzilhada <i>Por Gustave Massiah</i>	27
O Fórum Social Mundial e seu futuro na Ásia Meridional <i>Por Vijay Pratap (Índia) e Uddhab Pyakurel (Nepal)</i>	29
E la nave va <i>Por Chico Whitaker</i>	35
O FSM 2016 no processo do FSM <i>Por Damien Hazard e Mauri Cruz</i>	41
Fórum Social Mundial 15 anos: unidade para enfrentar a crise e a ofensiva golpista na América Latina <i>Por Liège Rocha</i>	45
O papel do FSM na minha trajetória <i>Por Oded Grajew</i>	47
O FSM, a mídia livre e o desafio da comunicação <i>Por Bia Barbosa, Erika Campelo e Rita Freire</i>	49
Educar para outros mundos possíveis: os desafios do Fórum Mundial de Educação <i>Por Sheila Ceccon</i>	53
Parrhesia em Movimento no FSM2016 - Montreal <i>Por Orlando Vitor Noal Neto</i>	55



APRESENTAÇÃO

Em janeiro de 2016, o Fórum Social Mundial completou 15 anos de existência. O Projeto Rumo ao FSM2016, apresentado e aprovado pela Petrobrás S/A, teve como objetivo apoiar as várias iniciativas da sociedade civil brasileira nos processos de mobilização, organização, realização e participação dos eventos realizados neste marco, o FSM 15 Anos, Balanços, Desafios e Perspectivas realizado de 19 a 23 de janeiro de 2016, em Porto Alegre, e o FSM2016 em Montreal, Canadá, ocorrido entre os dias 08 e 14 de agosto. Esta publicação traz uma pequena síntese da participação da sociedade civil brasileira nestes dois momentos e também perspectivas de atores-chave do processo do FSM sobre as principais questões que circundam o Fórum atualmente. O FSM 15 Anos, Balanços, Desafios e Perspectivas realizado em Porto Alegre construiu atividades que tinham como objetivo fazer uma avaliação dos quinze anos dos processos do FSM, dispondo-se a preparar a participação dos brasileiros no evento mundial, no Canadá. Muitas das reflexões elaboradas neste momento serão apresentadas na primeira parte deste documento,

Em seguida, há um breve informe das atividades realizadas em Montreal, dos principais temas tratados e das principais questões políticas surgidas do primeiro FSM realizado no hemisfério norte. Finalmente, a publicação traz um conjunto de textos elaborados por pessoas que participaram do processo do Fórum, propondo uma reflexão sobre os desafios atuais e o futuro do FSM. Com este material, esperamos contribuir para o fortalecimento dos processos de organização autônoma da sociedade civil na construção de outro mundo possível. A realização das atividades do FSM em 2016 cumpriu um papel estratégico no debate e na sistematização dos processos do FSM até os dias de hoje. O resultado deste debate aqui sistematizado pelos movimentos e organizações participantes deve servir como base para a continuidade das reflexões e encaminhamentos que o Fórum Social Mundial realizará nos próximos anos, dando sua modesta contribuição para esta longa trajetória de construção de outro mundo possível. Finalmente, gostaríamos de agradecer o apoio do Governo Brasileiro através da Petrobrás S/A que possibilitou, não somente esta publicação, mas todo o processo de organização e realização dos dois eventos.

MUNDO É POSSÍVEL
SEM OUTRO MUNDO

amigos da Natureza

CONFIO
POA

PLURAL
DA MESSA
DA PAZ

BRASIL
CASA

GRUPO FAM
ABRIENDO TROC
MARCANT
2001

ACQUILA

BRASIL

SOCIAL

Social

CEL
ORI
21

BRASIL

FSM 15 Anos

Balanços, Desafios e Perspectivas

Um outro mundo é possível. Foi com esse lema que o Fórum Social Mundial (FSM) tornou-se conhecido a partir de sua primeira edição, realizada em janeiro de 2001, em Porto Alegre. A escolha da data foi para marcar a contraposição ao Fórum Econômico de Davos, realizado nos mesmos dias, na cidade suíça. Passados 15 anos, realizou-se novamente, em Porto Alegre, entre os dias 19 a 24 de janeiro deste ano, o FSTemático2016 com o tema “FSM 15 Anos Porto Alegre”, tendo como insígnia política a Paz, a Democracia, os Direitos dos Povos e do Planeta. O evento reuniu mais de 30 mil pessoas e foi o resultado de um intenso processo de preparação, com 21 Plenárias do Comitê de Apoio Local, 05 Seminários Nacionais de Planejamento, Organização, Metodologia, Programa e Infraestrutura que contaram com a participação ativa de mais de 120 organizações e movimentos sociais. Toda mobilização deu-se através dos sites e redes sociais das organizações organizadoras¹. O evento contou com quase 5 mil inscritos, no entanto, como as atividades são abertas, calcula-se que mais de 10 mil pessoas participaram das atividades ao longo dos cinco dias, sem contar com a participação na Marcha de Abertura que contou com mais de 15 mil participantes. Houve uma ampla participação internacional com

representações de 60 países dos cinco continentes, havendo uma expressiva representação de mulheres, das lutas do povo negro e da juventude das periferias. Como nas iniciativas anteriores, novamente Porto Alegre foi ocupada pela juventude mundial, pelas mulheres, pelas lutas do povo negro, por moradores de rua, artistas populares, juventude do hip-hop, sindicalistas e milhares de representantes de variados movimentos sociais de mais de 60 países. É possível afirmar que a realidade na qual este evento esteve inserido tem muita semelhança com aquela de 2001. A crise econômica aprofundou-se. Desde 2001, no entanto, no Brasil e na América Latina, resultado de políticas públicas implementadas por Governo Populares, o impacto dessa crise foi amenizado, embora, no, resto do mundo, ela só tem crescido. Um exemplo é o aprofundamento da concentração de renda, demonstrada por estudos da OXFAM, organização não governamental europeia, que indica que os 1% dos mais ricos possuem 53% de toda a riqueza do mundo, restando, aos demais 99% o equivalente a 47%. Mais que isso, as 64 pessoas mais ricas do mundo possuem a mesma quantidade de riqueza que 3,5 bilhões de pessoas. Além das crises econômica, social, política e ambiental, outras coisas também mudaram no ambiente do FSM. As primeiras edições realizadas em Porto Alegre foram protagonizadas por ho-

¹ No site do evento – www.forumsocialportoalegre.org.br - houve visitação de 2.000 acesso mensais, sendo que, de 04 de janeiro de 2016 a 27 de janeiro de 2016 houve mais de 27.000 acessos para inscrições, informações e pagamentos de taxa. O evento recebeu 4.677 inscritos que pagaram a taxa de inscrição e distribuiu quase 5 mil bolsas e crachás de Participantes, Organização e Apoio.

mens, brancos, europeus ou latino-americanos, quase todos intelectuais de esquerda que denunciavam o sistema capitalista e o neoliberalismo e defendiam um outro protagonismo necessário dos movimentos sociais. Em 2016, este desejo concretizou-se através de uma intensa participação e protagonismo das mulheres, autodenominada de primavera feminina, dos vários movimentos do povo negro e da juventude brasileira, latino-americana e internacional. Esse novo momento traz consigo toda a diversidade das lutas urbanas, ecológicas, das lutas contra os feminicídios, contra o extermínio da juventude negra, em defesa dos direitos sociais no mundo, na defesa da paz, da democracia e de outra forma de vida. Neste sentido, outra mudança fundamental é quanto à construção do outro mundo possível. Em 2001, havia muitas ideias, propostas e utopias do que se pretendia fazer. Nestes últimos quinze anos, várias dessas propostas foram postas em prática, em especial, no Brasil e na América Latina. E, na sua maioria, demonstraram-se eficazes na superação da pobreza, no fortalecimento das culturais locais e tradicionais das comunidades quilombolas, indígenas e tradicionais, na construção de outra economia, tendo por base a economia solidária e popular,

a criação das quotas nas universidades, a gestão das águas sob controle público, o fortalecimento dos sistemas de saúde pública, da educação pública e gratuita, com metodologia transformadora. São tantas as experiências de sucesso que já se faz necessário um Fórum Social dedicado exclusivamente à discussão e apresentação das boas práticas. A novidade foi a organização, nas tardes dos dias 20 a 24, de 09 (nove) Mesas de Convergências, todas elas no Auditório Araújo Viana também localizado no Parque da Redenção, no Auditório Dante Barone localizado na Assembleia Legislativa e no Plenário Otávio Rocha, localizado na Câmara de Vereadores, reunindo, em média, 1.200 pessoas por atividade. E, ao final, foram realizadas Assembleias dos Movimentos Sociais, com destaque para a Carta dos Movimentos Sociais produzida por um conjunto de organizações e movimentos sobre a conjuntura brasileira e latino-americana. A síntese das principais questões que surgiram em Porto Alegre, em especial, nas 09 Mesas de Convergências, que propuseram um balanço e a reflexão sobre os 15 anos do FSM, seus desafios e perspectivas, foi elaborada no intuito de impulsionar os debates no FSM 2016 em Montreal, tanto nas atividades autogestionadas quanto no Conselho Internacional.







A primeira questão a ser avaliada é sobre a real capacidade de um evento temático regional promover e incentivar um real processo de reflexão sistematizada de balanço, desafios e perspectivas da dinâmica do FSM. É preciso reconhecer que a maioria das redes e atores sociais envolvidos nos processos do Fórum Social não aderiram à lógica de balanço e de discussão das perspectivas. Sequer uma gama representativa de intelectuais que acompanham os debates desse o princípio contribuiu com textos, provocações ou reflexões. A verdade é que o FSM 15 Anos não produziu, como era desejado, um processo coletivo e sistematizado de balanço, dos desafios e, muito menos, indicou novas perspectivas. A conclusão sobre este fato pode suscitar algumas hipóteses: - a primeira seria resultado de que quem está interessado nos processos do FSM participa e se motiva pela dinâmica autogestionária em si, ou seja, pela possibilidade de decidir o que fazer, quando fazer e como fazer dentro dos parâmetros gerais apresentados pela proposta de cada evento. Neste sentido, não tem interesse em debater o Fórum Social como tal, e sim em vivenciá-lo no concreto. Esta conclusão é bem plausível visto o grande número de movimentos sociais que estiveram em Porto Alegre, realizando suas atividades, dinâmicas e expressões político-culturais. A maioria destes movimentos não se dedicou a um balanço ou mesmo apontou teoricamente novas perspectivas, mas vivenciou o Fórum Social como sempre a maioria dos movimentos sociais fazem; - a segunda hipótese é que o processo de discus-

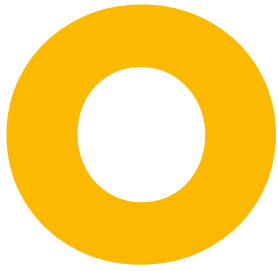
são sobre o futuro do Fórum Social já esteja tão desgastado entre aquelas pessoas que, há anos, buscam encontrar soluções e saídas para seus dilemas que não houve motivação real das lideranças dos principais movimentos e organizações que atuam no âmbito do FSM, em especial, do Conselho Internacional, em promover uma real reflexão que buscasse, minimamente, identificar as divergências e pensar possibilidades de superações. Talvez haja ainda uma terceira hipótese: seria o fato de que o Fórum Social é, em si, um espaço e um processo que atendem e refletem as dinâmicas e acúmulos dos atores que nele investem. Não tem o poder de produzir sínteses e acúmulos muito diferentes daqueles que estejam sendo construídos nos processos coletivos, de múltiplos atores, em outros espaços e dinâmicas. Se, neste momento da história da luta mundial anticapitalista, não há alternativas evidentes capazes de aglutinar as forças sociais de esquerda, não seria o Fórum Social um espaço que refletiria algo diferente disso. Muito provavelmente, as causas de que a dinâmica de balanço não tenha sido efetiva sejam uma combinação das hipóteses acima, somadas a dificuldades de mobilização de recursos, da disponibilidade de tempo das lideranças das organizações que se propuseram a organizar o evento e das crises econômicas e sociais que estão na base de todas as dinâmicas atuais. Apesar disso, de toda essa limitação, o FSM 15 Anos levantou algumas questões e colocou, em alguns casos pela primeira vez, numa mesma mesa, atores sociais para um debate sobre o futuro da luta anticapitalista altermundialista. Uma parte desta síntese apresentamos a seguir, para o debate.



FSM2016

Montreal, Canadá





FSM2016 em Montreal, no Canadá foi a primeira edição de um FSM num país do Norte. Foram seis dias reunindo milhares de militantes e ativistas de mais de 100 países. Os primeiros dados divulgados pelo Comitê Local Organizador mencionam 35 mil pessoas de 125 países presentes no período do evento. Como sempre, a Marcha deu o tom da abertura. Começou tímida, como uma interrogação sobre como seria essa primeira edição do FSM no coração do capitalismo norte-americano. Mas o clima foi crescendo, à medida que múltiplos grupos se juntaram com suas faixas e bandeiras, suas roupas e fantasias, suas vozes e reivindicações, suas músicas, encenações e danças, representativas de uma real pluralidade de movimentos, culturas e causas, e expressivas da ideia de uma cidadania planetária. O encerramento da marcha foi na Praça das Artes (Place des Arts) com um belo show, que refletiu essa diversidade reunida, na plateia e no palco: juventude, mulheres, povos autóctones do Canadá, sindicatos e trabalhadores/as, povos curdos e palestinos, do Oriente Médio, do Magrebe, do oeste-africano, da Europa, da Ásia, da América Latina, do Brasil contra o golpe, dos movimentos ambientais, de segurança alimentar e de economia solidária, do movimento antinuclear, das pessoas com deficiência, entre outros. Cerca de 15 mil pessoas estavam presentes. Nos dias seguintes, foram realizadas, no período da manhã e no início da tarde, as atividades autogestionadas, propostas pelas organizações participantes. Como nas edições anteriores do FSM, o número elevado de atividades acabou por comprometer a participação, sendo que muitas delas foram esvaziadas, limitadas aos/às próprios/as organizadores/as e colaboradores/as. A maior parte das atividades ocorreu nos edifícios de duas grandes universidades (UCAM e Mac Gil), ambas no centro, porém distantes uma da outra.

A maior novidade foi que, nas três tardes, ocorreram 22 Assembleias de Convergência, na sua maioria com grande participação, tendo em média 5 mil pessoas participantes. Dentre os temas tratados, os mais importantes foram a Defesa da Democracia, promovida pelo coletivo brasileiro de organizações, a Campanha BDS de boicote a Israel, a Justiça climática e a transição energética, o Direito à cidade e à terra, as Migrações, o Direito à Educação, o Comércio Justo e o Futuro do FSM. No final das tardes, nove grandes conferências foram realizadas, organizadas pelo Comitê Local Organizador. Ocorreram grandes momentos, carregados de conteúdo político, de emoções e de solidariedade, como na conferência sobre as lutas das mulheres, com a presença das filhas da militante feminista e ambientalista hondurenha Berta Cáceres, assassinada no ano passado. Ou na conferência sobre o papel e os objetivos da campanha BDS, com diversas intervenções, como o de Omar Barghouti, co-fundador da campanha BDS, ao vivo da Palestina (território de onde está impedido de sair pelas autoridades israelenses sob pena de não poder mais voltar). No dia 13, os resultados das convergências foram apresentados na “Ágora das Iniciativas”, um tipo de “convergência das convergências”, que levou à produção de uma lista de uma centena de ações para compor uma agenda comum. O lugar era um parque, um pouco mais distante, e estava chovendo, o que prejudicou a participação. Paralelamente ao FSM 2016, ocorreram um Fórum Parlamentar, com 350 participantes, um Fórum do Mundo sem Nuclear (100 participantes), um Fórum Teologia e Libertação (400 participantes), um encontro do Fórum Mundial de Mídia Livre (300 participantes), um Fórum das Primeiras Nações (100 participantes) e um Fórum das Crianças (60 participantes). Arte e cultura também estiveram presentes ao longo de todo o evento, com mais de 200 atividades, nas ruas, praças e diversos espaços da cidade.

O conservadorismo da grande mídia e do governo canadense

Assim como nas estimativas de participantes divulgadas pelos/as organizadores/as ou pela polícia em manifestações em qualquer lugar do mundo, as opiniões divergem sobre os números do FSM 2016. O jornal *Metrô*, de grande circulação e distribuído gratuitamente em Montreal, colocou dúvidas sobre os números divulgados pelo comitê organizador, quando observou a presença de uma centena de pessoas no show de encerramento, num dia de chuva, no Parque Jary. Comparou o FSM com a Parada Gay, realizada no mesmo dia, com a presença de 10 mil pessoas, inclusive a do primeiro ministro, Justin Trudeau. A imprensa do Quebec, província onde está situada Montreal, divulgou diariamente dados sobre o Fórum, mas geralmente de forma factual e tendenciosa. Mesma tendência para a grande mídia internacional que, por sua vez, salvo algumas exceções, permaneceu tímida ou silenciosa sobre o evento. Em muitos artigos, dúvidas eram emitidas sobre os problemas e dilemas enfrentados pelo FSM, e sua pertinência era questionada. O maior destaque do evento na grande mídia foi a negação de vistos pelo governo canadense para centenas de ativistas de “países do Sul”, tais como República do Congo, Benim, Togo, Gana, Nigé-



ria, Mali, Burkina Faso, Marrocos, Irã, Nepal, Haiti, Brasil, Palestina, entre outros. O comitê organizador, que expediu 2 mil cartas-convite para estrangeiros/as, já havia recenseado 200 pessoas nesta situação no início do evento, mas é provável que esse número atinja mais do que o dobro. O caso mais emblemático foi o da feminista, ex-ministra do Mali e candidata à Secretária geral das Nações Unidas, Aminata Traoré, famosa por seus posicionamentos, por exemplo, por ter se oposto à intervenção militar da França no Mali, por denunciar o papel nefasto do FMI e do Banco Mundial para o desenvolvimento da África, ou ainda a falta de reciprocidade na mobilidade das pessoas entre o Norte e o Sul. Um recurso foi enviado pela militante para o governo canadense, que confirmou a sua decisão de recusar o visto. O novo governo conduzido pelo liberal Justin Trudeau, que derrotou nas eleições de outubro de 2015 o primeiro ministro ultraliberal em exercício há 10 anos, evidenciou com esta decisão o quanto deve ser relativizado o caráter progressista que lhe é atribuído. “A mensagem é que o hemisfério norte, que dá lições de democracia, pisa sobre seus próprios princípios”, declarou Aminata Traoré para o jornal local *Le Devoir*. Como sempre, o FSM2016 cumpriu sua missão de reunir as organizações e movimentos sociais de todo o mundo em um espaço de convergência, troca de experiências, denúncia e defesa de direitos. Sendo um evento inédito, realizado num país denominado de desenvolvido, nas barbas dos Estados Unidos, com regras rígidas de vistos, muitas lideranças e movimentos foram proibidos de participar. Essas condições acabaram por influenciar a característica do evento, com uma representação muito branca. Apesar disso, cumpriu sua função neste longo processo de construção de outro mundo possível, urgente e necessário.



AMNISTIE
INTERNATIONALE
www.amnistie.ca

IRAN



FSM Desafios e Perspectivas

Finalizados os dois eventos, é importante sistematizar e organizar as principais questões que foram suscitadas, tanto no evento de Porto Alegre quanto em Montreal. São reflexões importantes, embora não conclusivas – uma contribuição a este longo debate que tem sido realizado no Conselho Internacional e em todos os espaços e eventos que ocorrem no âmbito do FSM. É uma sistematização e uma provocação para que o debate continue e seja propositivo.

Força da Militância de Base – O Fórum Social, por sua dinâmica horizontal e autogestionária, não raro, surpreende as organizações que promovem suas edições justamente porque é um produto da força de sua militância de base que adere à conclamação das agendas e ocupa os espaços, realizando atividades e momentos de troca que, muitas vezes, não são captados pela própria organização.

É um Espaço de Articulação – “Na discussão sobre o futuro do FSM, ficou evidente que este continua sendo espaço importante de articulação dos movimentos sociais de todas as partes do mundo, respeitando a diversidade e dando visibilidade às mais variadas áreas de atuação. Foi reafirmado que, nas cidades onde tem acontecido os FSM, o movimento social sai do processo fortalecido e mais estimulado para continuar lutando por um outro mundo possível.”

É um Espaço para Recarregar as Energias – “A participação nos espaços dos fóruns sociais mundiais e fóruns sociais temáticos, simbolicamente, tem alimentado a militância. Nele renovam-se sonhos, esperanças, compromissos com a construção de um outro mundo possível e com a preservação da vida. É um espaço para o encontro de ideias, de experiências, debates e reflexões principalmente em torno da relação das universidades públicas, das universidades populares e da educação popular. Aqui tivemos a oportunidade de conhecer práticas inovadoras que as universidades vêm desenvolvendo a partir da educação popular, afirmando que é possível desenvolver práticas pedagógicas pautadas pelos princípios da educação popular, assim como percebendo quais os desafios para se avançar nas práticas e metodologias de educação popular nesses espaços.”

É um Processo Horizontal – O Fórum Social Mundial é fundamental por sua metodologia aberta, participativa, colaborativa e horizontal, sem perder a perspectiva do sentido político que reúne as redes, as organizações e os movimentos que dele participam. Não é um evento, é um processo de múltiplos acúmulos dispersos em redes temáticas, lutas locais, agendas nacionais e internacionais que, num determinado momento, culminam em eventos de expressão internacional, contra o modelo hegemônico representado pelo Fórum Econômico Mundial de Davos.

Unidade para enfrentar a crise e a iniciativa golpista no Brasil e na América Latina – “Desafios foram apontados como a necessidade de o FSM ter uma ação continuada, não se limitando ao evento em si, para enfrentar as investidas do imperialismo e a crise internacional, desenvolvendo uma agenda unificada, a exemplo do que aconteceu em 2003, com uma grande ação mundial, envolvendo milhões no mundo inteiro pela paz e contra a guerra.”

Romper com a barreira feita pela mídia monopolista – Outro desafio apontado é romper a barreira da comunicação, pois é inadmissível que um evento que reúne milhares de pessoas, enfocando temas da atualidade, não chegue ao conhecimento da população.

Romper com a dinâmica de evento – Muitas redes, organizações e movimentos sociais deixam para pensar no FSM somente na véspera de sua realização sem potencializar sua dinâmica e metodologia. Por outro lado, o próprio Conselho Internacional não consegue, por sua baixa representatividade, propor dinâmicas que tenham capacidade de envolver as principais lutas que atualmente estão na linha de frente do enfrentamento com o sistema capitalista financeiro internacional.

O dilema das representações – Num processo que se declara horizontal e que não visa representar ninguém, há um dilema de como são decididas e encaminhadas todas as questões que dizem respeito ao coletivo do Fórum e seus processos. Uma das lógicas do FSM é sua concepção autogestionária, horizontal e totalmente aberta. Pela Carta de Princípios, ninguém fala pelo Fórum Social, mas todas as organizações e redes participantes do FSM falam por si mesmas. Isto significa que, se a maioria das organizações presentes nas atividades decidem tomar uma determinada posição, na prática, é como se o Fórum Social assim tivesse decidido. Isto ocorreu quando da luta contra a ALCA, ou mesmo nas mobilizações contra a Invasão do Iraque pelos USA. Por outro lado, o Conselho Internacional debate por anos sua composição e política de ampliação, preocupado em não quebrar a atual composição de forças que permitiu ao processo chegar até aqui. Como construir uma dinâmica de discussão e decisão coletiva sem engessar ou institucionalizar o processo?

(In)Capacidade de Incidência – Outra questão diz respeito à oportunidade ou não de o FSM decidir determinadas ações de incidências ou se teria ou não capacidade de produzir consensos para essas incidências. O Fórum Social, mesmo como espaço de articulação, é um ator social que construiu, pelo menos no seu início, uma visibilidade internacional. Sua agenda é conhecida. Mas será que tem capacidade de impactar a realidade? Seria função do FSM trazer para si esta tarefa?

Desafio de auto-sustentabilidade financeira – A mobilização de recursos financeiros de forma autônoma, através da cooperação internacional, das inscrições e de fundos solidários, tem sido importante, mas não gera recursos suficientes para garantir a dinâmica dos processos do FSM, a própria lógica de despesas, com valores expressivos em passagens, estadia, alimentação, agendas culturais e infraestrutura para os eventos. Por isso, desde o princípio, os processos do FSM têm necessitado estabelecer parcerias com os governos para acesso a recursos públicos. Sendo públicos estes recursos, não há um problema em si. No entanto, esta situação limita as opções e possibilidades em vários momentos. Por outro lado, as redes, organizações e movimentos sociais que participam dos processos do FSM mobilizam, individualmente, para suas ações e estratégias, volumes de recursos que não são inexpressivos. Então a questão seria como construir uma forma de autossustentação que estivesse centrada na solidariedade interna entre as várias organizações e mobilizasse recursos suficientes para a implantação das estratégias definidas.

Relação com Partidos e Governos – Esta questão nasceu com o FSM. Por um lado, ela é pertinente para que se tenha um cuidado com o risco de controle e imposição que a força dos partidos e governos possam vir a ter sobre os processos autônomos e auto-gestionários do FSM. Apesar desse cuidado, é preciso reconhecer que, em todos os processos e eventos, as organizações e movimentos sociais que atuam no entorno do FSM sempre souberam manter relações e diálogos com os partidos e governos que reconhecem e apoiam o FSM. Apesar disso, este tema tem sido controverso tanto que há críticas sobre o demasiado distanciamento dos partidos dos processos assim como sobre sua demasiada interferência nos processos. Então é preciso afirmar ou reafirmar qual a relação que os FSM devem ter com estes atores.

Coletivo Brasileiro do FSM

Abong – Ciranda – Flacso – CUT – IPF – Geledés – UBM



ARTIGOS



Conjugando o espaço no tempo presente: Reflexões sobre o Fórum Social Mundial

Por Carminda Mac Lorin*

Construir espaços para favorecer a troca, acreditando na necessidade de construir sociedades mais respeitadas para com o humano e o meio ambiente. Criar momentos de diálogo entre perspectivas plurais, permitindo ir além das divergências ou das distâncias. Animar um processo de aprendizagem entre diferentes atores da sociedade civil local e mundial, prefigurando uma visão renovada da democracia. Essas são algumas das ambições que animaram meu envolvimento social e político nos últimos 15 anos. Respondendo a este ideal, o modelo proposto pelo Fórum Social Mundial foi para mim uma fonte de inspiração. A experiência de coordenação do Coletivo FSM 2016 em Montreal me deu a oportunidade de viver concretamente o que implica a construção colaborativa desse espaço de convergência. Não é preciso dizer que não faltaram desafios: organizar logisticamente um evento de grande magnitude com energia essencialmente voluntária, promover um ambiente em que todas e todos se sintam confortáveis e livres, motivar a colaboração hierárquica entre pessoas e organizações de horizontes diversos... O resultado fala por si mesmo: 35 mil pessoas de 125 países participando em cerca de 1.400 atividades, em torno de 100 iniciativas coletivas inscritas em um calendário comum alimentado por assembleias de convergência, uma magnífica variedade de temas abordados e de redes fortalecidas... O FSM demonstrou mais uma vez sua pertinência, atuando como catalisador de diálogos e oferecendo visibilidade a múltiplas ações de seus participantes. Participamos, assim, de uma cultura política que inspira muitas e muitos de nossos contemporâneos, cultivando a esperança

de que a sociedade civil mundial aprenda a superar as divisões atuais e possa caminhar na direção de um mundo com menos desigualdades e pobreza, menos discriminação e violência. Durante a última reunião do Conselho Internacional (CI) do FSM em Montreal, seus membros expressaram mais uma vez divergências sobre a essência dessa entidade que acompanha o processo do FSM desde seu início. O CI deveria agir como um garantidor da coerência do espaço de convergência que representa cada FSM, ou deveria constituir uma força unificada para lutar contra as violações dos direitos humanos? Este debate animou várias discussões dentro do CI, desde sua criação e teve um particular protagonismo na reunião de Montreal, impulsionado por militantes da causa palestina e por pessoas que lutam pela democracia no Brasil e no Curdistão. A necessidade de ação e de solidariedade internacional em inúmeras áreas ao redor do mundo é evidente e urgente, disso não há nenhuma dúvida. É completamente absurdo que vivamos em sociedades que justificam abusos sistêmicos em nome da liberdade de mercado; e a indignação é sinal de uma consciência coletiva crescente, necessária para uma mudança positiva. Mas também é triste constatar que a necessidade de destacar a importância de nossas lutas faz emergir com força as rivalidades internas. O futuro do FSM reside na capacidade de resiliência dos atores que o constroem, que lhes permita compreender que suas posições não são opostas. Mas sua capacidade não pode se desenvolver sem um compromisso dinâmico de todos os atores, que permita construir pontes em vez de muros. Espaços abertos e ações concretas se comple-

tam e se necessitam, coexistindo como parte de um paradigma político que devemos alimentar, para além dos dualismos que nos separam. Se os membros do CI sentem a urgência de tomar posição coletiva sobre diferentes temas, é importante que isso se torne possível, e essencial que isso aconteça sem tirar do processo do FSM sua abertura, sua capacidade de incluir e, por consequência, a força da pluralidade que o cria. A proposta que foi colocada na reunião de Montreal de impulsionar a criação de um secretariado policêntrico me parece fornecer pistas interessantes para a conciliação das perspectivas que parecem opor-se: uma solução poderia ser encontrada, com efeito, na distinção de diferentes entes complementares que criam um marco para o FSM. Sem querer fazer propostas precipitadas, compartilho o atual estado de minha reflexão pessoal. Talvez o CI devesse atuar como uma entidade que tome posições baseadas em análises geopolíticas profundas, que motivem a solidariedade internacional, dando-lhe sentido e ressonância global às mobilizações locais. E, de modo complemen-

tar, poderia existir uma entidade de Acompanhamento do Processo dos Fóruns Sociais, que vele pela aplicação da Carta de Princípios do FSM, apoiando a organização logística, a busca de financiamento, o fortalecimento das comunicações e a presença midiática de cada Fórum Social, favorecendo a transmissão de aprendizagens, metodologias e memórias, promovendo a continuidade do processo que os une aos fóruns sociais mundiais, temáticos, regionais, locais, etc. Conjuguar as posições que nos polarizam é um desafio de vulto que vale a pena: temos nas mãos um processo que empodera e dá esperança para muitas pessoas ao redor do mundo. Portanto é nossa responsabilidade fazer sobressair coletivamente convergências que nos fortaleçam, para impulsionar sociedades mais justas para todas e todos.

Outro mundo é necessário;
juntas e juntos, ele se torna possível!

*Carmina Mac Lorin é articuladora do Comitê de Organização do Fórum Social Mundial 2016.



Reflexões sobre o FSM

Por Gina Vargas*

O papel do FSM na minha luta

Como feminista do Sul, esses 15 anos em que vivi a experiência do FSM, no âmbito de nossa luta feminista coletiva, desde a Articulação Feminista Marcosur, tiveram especial significação, complexificando o olhar, abrindo novas articulações e alianças, dando visibilidade às agendas feministas. E, no âmbito político pessoal, significou, sem dúvida, um grande enriquecimento. Desde o início, o FSM significou um espaço político – no sentido mais amplo do termo – onde se pôde expor estratégias que permitiram construir coletivamente, a partir dos múltiplos movimentos sociais que começaram a participar, uma visão diferente de futuro, desde o reconhecimento do/a outro/a como semelhante em sua diferença. Chegamos ao FSM buscando, como feministas, democratizar as relações entre os gêneros e alimentando, ao mesmo tempo, as lutas antirracistas, anti-homofobia, pela justiça econômica, por um planeta são, por transformações simbólico-culturais, a partir de uma perspectiva de transversalidade e intersecção das múltiplas lutas colocadas não apenas pelas feministas como também por diversos outros movimentos sociais. Uma riqueza de experiência! Apesar deste indubitável aporte, foi evidente que, desde o começo, o FSM, ao mesmo tempo em que flexibilizava e incluía e confrontava pensamentos únicos, também arrastava (e, embora menos, ainda arraste) velhos olhares que excluía as mulheres e as diversidades sexuais, além de outros movimentos que lentamente foram se incorporando às dinâmicas do FSM². Nosso desafio era articular nossas lutas com as “outras” lutas coletivas dos

movimentos sociais, transformar sua perspectiva em relação às propostas feministas, à diferença, ao gênero, aos pensamentos múltiplos. Os avanços foram evidentes de muitas formas, alimentados pela presença de movimentos potentes como a Marcha Mundial de Mulheres, a AFM, as redes feministas globais e regionais, impulsionando processos de articulação e processos de disputa. Esses processos de diálogo e disputa, visibilizando capacidade de proposta e mobilização, levaram a AFM a organizar, no interior do Fórum, a campanha “Contra os fundamentalismos, o fundamental são as pessoas”, desde o segundo FSM. Em 2003, em diálogo com os feminismos de outras regiões do mundo, propusemos a organização dos Diálogos Feministas, cuja primeira edição foi no FSM de Mumbai, 2004, dois dias antes do FSM. Ao longo dos fóruns seguintes, até Nairóbi, feministas da Ásia, África, América Latina e Europa dialogamos sobre democracia, fundamentalismos, corpos políticos e crise civilizatória, contribuindo com reflexões ao FSM e enriquecendo uma perspectiva feminista transversal, em Articulação com outros movimentos. Também em 2003, iniciamos, no interior do FSM, os Diálogos Intermovimentos (entre sindicalistas, feministas, lésbicas, trans, afrodescendentes, dalits, etc.) que seguem acontecendo até hoje. Os Diálogos Feministas não se realizam mais dessa maneira, mas continuam sendo uma estratégia no interior dos fóruns, deixando aberto um nível de reflexão e conexão global que perdura até agora. Quisemos materializar a experiência dos Diálogos Intermovimentos no âmbito local-regional, tanto nos fóruns regionais da América Latina e

2 No primeiro FSM em Porto Alegre, 2001, participaram em torno de 15 mil pessoas, das quais quase 60% eram mulheres. Não obstante, nas oficinas e painéis que se organizaram, só 11% de mulheres participaram.

Caribe quanto no próprio FSM, na forma de diálogos entre feministas e indígenas latino-americanas em torno do Bem Viver. No interior do Fórum, desde Belém, as grandes assembleias de movimentos sociais tiveram o aporte da Marcha Mundial de Mulheres, da AFM e de outras redes e articulações feministas. Tudo isso também foi uma contribuição central para a construção de uma perspectiva internacionalista, de solidariedade global, que fortaleceu as perspectivas dos feminismos do Sul. A riqueza do FSM como processo e não só como evento tem sido permanente. Cada Fórum deixou sua marca. Além dos quatro fóruns em Porto Alegre – experiência pioneira, enriquecedora, alimentada pelos movimentos sociais da América Latina que, nesse período, estavam em expansão e com visibilidade, na Índia, assistimos a um FSM de enraizamento claramente popular, com a presença massiva dos movimentos da Índia, de camponeses, dos dalits. Os FSMs na África, intensos pela riqueza do continente e de seus movimentos, não obstante, foram também difíceis para as causas emancipatórias (no FSM de Nairóbi, houve não apenas a comercialização da alimentação como também a presença de setores religiosos fundamentalistas que, além de ter muitos estandes com sua propaganda, realizaram uma marcha contra o aborto no próprio espaço do Fórum). Em Belém, 2009, foi de grande riqueza para a qual contribuiu a presença dos movimentos indígenas organizados, afirmando discurso e proposta; em Túnis, com as enormes contribuições e ao mesmo tempo, os enormes desafios do que era nesse momento a Primavera Árabe, e a difícil democratização em uma região extremamente turbulenta e arriscada (o atentado de Bardo, poucos dias antes do FSM 2015, foi sem dúvida uma advertência clara dos riscos para os movimentos e para a democracia). No Quebec, o primeiro no Norte, teve a presença massiva de jovens com o vibrante Fórum dos Estados Unidos, etc., maculado, no entanto, pela soberba negação de vistos especialmente para pessoas e organiza-

ções do Sul. Em todos eles, nossos feminismos aprenderam, contribuíram, diversificaram-se, articularam-se com as diversas lutas, seguiram disputando reconhecimento e transversalidade. A incorporação da AFM ao Comitê Internacional do FSM introduziu-nos também em uma dinâmica mais concreta, de facilitação da realização dos Fóruns. Depois de 15 anos, no entanto, o CI requer urgente reorganização, amplitude democrática, olhar político e capacidade de inclusão de novas vozes e novas gerações.

Que futuro?

Muitos dos movimentos que iniciaram o FSM estão ainda ativos e participando; outros não. Não obstante, não são nem os únicos movimentos nem as únicas dinâmicas de luta. Novas gerações, novas formas de luta, novas demandas por reconhecimento, etc., começam a se tornar evidentes. O FSM será, daqui em diante, o que os movimentos que o integram agora querem que seja. O que aparece como evidente é que esse pensamento utópico que marcou o horizonte do FSM desde seu início requer novamente um impulso. As debilidades de alguns movimentos, as debilidades e desconcertos das esquerdas, os enormes processos de conservadorismo e direitização, o colapso da democracia em alguns países da América Latina – sendo o mais dramático e escandaloso o recente golpe no Brasil –, o imparável avanço do capitalismo neoliberal em seu processo de “acumulação por despossessão” de terras, corpos, territórios, democracias etc., e, por sorte, a existência de muitas e novas formas de resistência e mobilização tornam mais necessário o espaço do FSM e tornam, por isso mesmo, mais urgente sua autorreflexão, sua capacidade de impulsionar ativamente diálogos com os novos movimentos sociais e novas formas de mobilização.

*Virginia Vargas Valente representa a Articulação Feminista Marcosul no Fórum Social Mundial.

Os Fóruns sociais mundiais na encruzilhada

Por Gustave Massiah* – Agosto de 2016

Os Fóruns sociais mundiais estão numa encruzilhada. O processo dos fóruns continua vivo e sempre necessário. Mas ele não é suficiente para dar conta dos desafios da nova situação. Como adaptá-lo, renová-lo, reinventá-lo? Para avaliar essa situação, é preciso ressituar os fóruns sociais no altermundialismo³. Este não se resume aos eventos do Fórum Social Mundial, mesmo que eles tenham ocupado um lugar importante neste processo. O movimento altermundialista é um movimento histórico de emancipação que prolonga e renova os movimentos históricos precedentes, como o movimento operário, o movimento camponês, a descolonização, o movimento pelos direitos das mulheres... Forma-se no final dos anos 1970, em resposta ao crescimento do neoliberalismo, que é uma fase da globalização capitalista. De início, o movimento se caracterizou pelas lutas contra a dívida e os programas de ajuste estrutural que levam a uma tentativa de dominação e mesmo de recolonização. O ajuste de cada sociedade ao mercado mundial dos capitais, por meio de planos de austeridade e tratados de livre comércio, chocou-se com os movimentos sociais primeiro nos países do Sul, depois nos países do Norte. As palavras de ordem colocam em questão “a dívida, as colônias, o apartheid”; depois o desemprego e a precarização. Nos anos 1990, as mobilizações contra as cúpulas internacionais são massivas. A palavra de ordem então era “o direito internacional não deve ser subordinado ao direito dos negócios”. Os Fóruns Sociais Mundiais, opostos ao Fórum Econômico Mundial de Davos, tomam a dianteira após as manifestações de Seattle, contra a OMC, em 1999.

O processo dos fóruns é interpelado pela evolução da situação mundial. Os choques financeiros de 2008 confirmam a hipótese de esgotamento do neoliberalismo. A partir de 2011, os movimentos quase insurrecionais de ocupação dos lugares demonstram as respostas dos povos à dominação da oligarquia. A partir de 2013, a arrogância neoliberal reassume o controle. As políticas dominantes, de austeridade e de ajuste estrutural, são reafirmadas. A desestabilização, as guerras, as repressões violentas e a instrumentalização do terrorismo se impõem em todas as regiões. Correntes ideológicas reacionárias e populismos de extrema direita são cada vez mais ativos. Os racismos e os nacionalismos extremos alimentam as manifestações contra os estrangeiros e os migrantes. Eles tomam formas específicas como o neoconservadorismo libertário nos Estados Unidos, as extremas direitas e as diversas formas de nacional-socialismo na Europa, o extremismo jihadista armado, as ditaduras e as monarquias petroleiras, o hinduísmo extremista, etc. Entretanto, no meio termo, nada acontece. A situação é marcada pela permanência das contradições. A crise estrutural articula cinco contradições principais: econômicas e sociais, com as desigualdades sociais e as discriminações; ecológicas, com a ameaça ao ecossistema planetário; geopolíticas, com as guerras descentralizadas e a ascensão de novas potências; ideológicas, com a interpelação da democracia, os surtos xenófobos e racistas; políticas, com a corrupção nascida da fusão do político com o financeiro que alimenta a desconfiança em relação ao político e elimina sua autonomia. A direita e a extrema direita travaram uma batalha pela

3 Por uma outra mundialização, em contraposição à globalização (N.T.).

hegemonia cultural contra os direitos e, particularmente, contra a igualdade, contra a solidariedade, pelas ideologias securitárias, pela desqualificação, após 1989, dos projetos progressistas. Elas conduziram as ofensivas ao trabalho pela precarização generalizada; contra o Estado de Bem-Estar Social pela mercantilização, a privatização e a corrupção generalizada das classes políticas; sobre a subordinação do digital à lógica da financeirização. Essa ofensiva marcou pontos mas não se impôs. As sociedades resistem e permanecem profundamente contraditórias. Quanto mais forte é a violência das correntes reacionárias e conservadoras tão mais forte elas sentem que as sociedades lhes escapam. As revoluções estão em curso: a dos direitos das mulheres, a dos direitos dos povos, a revolução filosófica da ecologia, o digital. As revoluções estão inacabadas mas elas são ricas de incertezas. Como dizia Gramsci, “o velho mundo morre, o novo mundo demora a aparecer, e nesse claro-escuro surgem os monstros”. É preciso lutar contra os monstros e construir o novo mundo. A emergência dos pensamentos radicais que rompem com os compromissos da esquerda social liberal reencontram seu direito de existir. Uma nova geração se impõe no espaço público desde 2011. Ela constrói, por suas exigências e sua inventividade, uma nova cultura política e uma nova radicalidade. O desafio é o da reinvenção do político a partir dos movimentos sociais e de uma nova relação entre individual e coletivo. Um outro desafio para os Fóruns Sociais Mundiais é a confluência entre o movimento das ocupações dos lugares que renova parcialmente o altermundialismo e os movimentos sociais que constituíram o FSM. Essa aliança é, aliás, insuficiente. Ela toca uma parte da parte da convergência entre as classes médias e as classes populares, a dos intelectuais precarizados e os desempregados diplomados. Mas ela só concerne parcialmente aos precarizados, aos proletarizados, aos discriminados que povoam o planeta nos bairros populares precários.

No processo dos fóruns sociais, uma abordagem estratégica foi lançada. Ela foi explicitada a partir do Fórum Social Mundial de Belém, em 2009. Ela propõe, em relação à urgência, um programa de resistência por meio do controle das finanças e da socialização dos bancos, a taxação das transações financeiras, um novo questionamento dos desvios do livre-comércio e do dumping social, fiscal, ambiental e monetário, a supressão dos paraísos fiscais e judiciários. As medidas, largamente reconhecidas, chocam-se com o veto dos dirigentes do capital financeiro e de seus camaradas políticos. Esse programa propõe em seguida um projeto alternativo, o da transição ecológica, social, democrática e geopolítica. Ele se apoia sobre novos conceitos (os bens comuns, o buen vivir, a prosperidade sem crescimento, a justiça climática, a realocização, a democratização radical da democracia...) Inúmeros debates agitam os fóruns sociais. Um deles concerne à horizontalidade e ao consenso. Para alguns, trata-se de acentuar ainda mais um espaço horizontal aberto para facilitar os encontros e as convergências. Para outros, trata-se de reforçar a radicalidade dos fóruns organizando debates políticos, tomadas de decisão e ações comuns, reforçando o lugar dos movimentos em luta. Há um acordo para alargar o processo com os fóruns locais, nacionais, regionais, temáticos. Mas o debate aberto sobre o futuro dos fóruns é mais profundo. Novas formas mais adequadas à nova situação provavelmente estão em gestação. A próxima etapa do movimento altermundialista necessita de uma reinvenção completa dos Fóruns Sociais Mundiais e do processo dos fóruns.

*Gustave Massiah representa o CSIR (França) no Conselho Internacional do FSM. É membro do Conselho Científico da ATTAC, membro fundador do CEDETIM (Centro de Estudos e Iniciativas de Solidariedade Internacional), da AITEC (Associação Internacional de Técnicos, Especialistas e Pesquisadores) e da IPAM (Iniciativas para um Outro Mundo). Atua no FSM desde sua criação, em 2001.

O Fórum Social Mundial e seu futuro na Ásia Meridional

Por Vijay Pratap (Índia) e Uddhab Pyakurel (Nepal)*

Gênese e desenvolvimento

Na Índia, o Fórum Social teve um papel crítico. Nós, os grupos indianos, encontramos pela primeira vez três membros do Comitê Internacional, incluindo Gustave Massiah e Chico Whitaker, em Bengaluru, em dezembro de 2001. Naquele momento, os movimentos não podiam tomar a decisão final se estavam ou não em condição de receber um Fórum Social Mundial na Índia, mas então assumiram a tarefa de organizar um outro encontro em Déli. Vijay Pratap (um dos autores) foi requisitado a fazer a convocação com a promessa de algum modesto financiamento para a organizar o encontro, que deveria acontecer nos dias 8 e 9 de janeiro de 2002. Entretanto, antes dessa data, outra mensagem circulou, dizendo que o financiamento não estaria disponível. Respondemos “está tudo bem, vamos organizar com outros recursos institucionais”. Não cancelamos o evento, e ele aconteceu com sucesso em janeiro de 2002. Naquele encontro, importantes líderes como Prabhash Joshi e Surendra Mohan deram o seu apoio. Na posição de importante líder socialista, Surendra Mohan é visto como amigo dos movimentos sociais e das organizações de luta não partidárias e não voltadas a eleições, e Prabhash Joshi era um escritor altamente respeitado e um experiente jornalista. O encontro desenrolou-se bem, com representantes de vários sindicatos, Movimentos Populares associados à CPM e Uniões Socialistas. Uma pequena delegação do Nepal também participou. Estávamos esperando realizar o Fórum Social Sul-Asiático de preferência no Nepal e, então, em 2004, iríamos acolher o Fórum Social Mundial. Nesse ínterim, um grande tumulto aconteceu em Gujarat, Índia, em fevereiro de 2002, e alegou-se

que o governo de Gujarat não barrou ativamente o tumulto. Havia todo tipo de acusações e denúncias contra funcionários do então governo de Gujarat. Havia uma certa melancolia e tristeza nos movimentos sociais na Índia em razão desses tumultos, pois um grande número de pessoas morreu e a grande maioria delas era de muçulmanos. Então, os movimentos sociais sentiram-se muito desafiados e estavam lutando e tentando perseverar no acompanhamento dos casos desse tumulto. Durante esse tempo, uma equipe se reuniu e um comitê organizador do Fórum Social foi formado. Infelizmente, o Nepal escolheu um novo e desafortunado caminho político. Então, o Fórum Social organizou um encontro em agosto de 2002 em Bhopal, Índia, para discutir sobre os antinaturais desenvolvimentos políticos no Nepal, onde o governo eleito foi suspenso e o rei tomou o poder em suas próprias mãos. Como não havia qualquer possibilidade, no novo cenário, de receber um Fórum Social Mundial no Nepal, os grupos de movimentos indianos decidiram receber o nível asiático do Fórum Social em Hyderabad em janeiro de 2003. O Fórum Social Asiático foi a primeira experiência da Ásia Meridional de receber um evento do Fórum Social. Muitas outras questões, inclusive o comunalismo, foram vistas como grandes temas no evento. O significado do comunalismo na Ásia Meridional não é como no Ocidente. Não significa uma orientação comunitária, significa ódio e violência entre duas comunidades. É assim que usamos essa palavra. Então, comunalismo é um grande problema na Índia e na Ásia Meridional, mas há muitas abordagens – a abordagem marxista, a abordagem do pluralismo religioso, a abordagem

liberal, a abordagem do fundamentalismo secular – para estudar o comunalismo. Na França, em nenhum âmbito da vida, as pessoas têm permissão de mostrar publicamente sua religião ou identidade religiosa. Então, há muitos pontos e perspectivas vantajosos em lutar contra esse ódio e essa desconfiança entre as comunidades e pela pluralidade. Logo depois do Fórum de Hyderabad, a Índia recebeu com sucesso o quarto FSM em Mumbai, de 16 a 21 de janeiro de 2004. Foi o primeiro encontro do Fórum Social Mundial que aconteceu fora do Brasil e seu sucesso estimulou o FSM a expandir seu escopo pelo Sul global. Então, Karachi (Paquistão) constituiu a terceira ala do Fórum Social Mundial em sua versão “policêntrica” de 2006, juntamente com Bamako (Mali) e Caracas (Venezuela) em março de 2006. Mais de 35 mil pessoas participaram deste evento inédito na história do Paquistão, com mais de 300 eventos que atraíram centenas de ativistas de diferentes áreas. Ativistas de 59 países participaram do evento. Foi considerado um Fórum para mostrar solidariedade global com as massas do Paquistão, em sua luta contra o imperialismo e o fundamentalismo religioso. Um fórum como esse nunca foi visto antes na História do Paquistão, com tantas diferentes áreas da sociedade unidas contra a agenda neoliberal, a militarização e a globalização imperialista. Então, alguns amigos da Ásia encontraram-se em Bali, Indonésia, em paralelo à Conferência das Nações Unidas para as Mudanças Climáticas que aconteceu em Bali, de 3 a 15 de dezembro de 2007, e começaram a discutir a possibilidade de realizar eventos do Fórum Social na Ásia em geral e na Ásia Meridional em particular. Eles chegaram com uma proposta de realizar um encontro de nível regional da Ásia Meridional, em Kathmandu, nos dias 12 e 13 de janeiro de 2008, para discutir se o Nepal poderia ser o anfitrião e se outros processos em um país sul-asiático necessitavam de apoio. Como

proposto, o encontro foi convocado para Kathmandu com uma boa participação da sociedade civil, trabalhadores etc. do Nepal e outros países sul-asiáticos. Um bom número de líderes de partidos políticos nepaleses do Congresso Nepalês, dos Maoístas e Leninistas Unidos e mesmo dos maoístas estiveram lá para se familiarizar com o processo e também para assegurar a participação de suas frentes de organização no Fórum. O encontro decidiu formar um comitê organizador do Nepal e realizar o Fórum Social Sul-Asiático em novembro de 2008. Porém, o Nepal novamente não pôde realizar o fórum em novembro de 2008, devido ao moroso processo das eleições para a sua Assembleia Constituinte (AC). Como a AC era um processo histórico, crucial para decidir o futuro do Nepal, quase todos os membros da sociedade civil e movimentos sociais tiveram de se envolver com o processo. Em consequência, o processo do FSM tornou-se secundário e passivo no Nepal. Mas um par de encontros do Comitê de Coordenação do FSM Nepal aconteceu e um documento conceitual para o Fórum Social Sul-Asiático (FSSA) foi preparado com uma data possível no futuro. Depois que a eleição da AC se encerrou no Nepal, houve vários encontros a portas fechadas e de pequenos grupos, como um encontro paralelo ao encontro da People's SAARC (Associação Sul-Asiática para Cooperação Regional) em Colombo, de 18 a 20 de julho de 2008; um encontro paralelo ao FSM Belém 2009; um encontro em Kathmandu, em março de 2009, paralelo ao encontro da People's SAARC. Em todo caso, novamente Nepal não pôde organizar o Fórum Social Sul-Asiático (FSSA) em 2008⁴. Posteriormente, o FSSA foi organizado em Dhaka (Bangladesh), de 18 a 22 de novembro de 2011. Agora novamente os camaradas do Nepal e da Índia foram ativos na organização das consultas locais e regionais, para reacender o movimento do FSM na Ásia Meridional.

4 Para saber mais sobre o movimento do Fórum Social do Nepal, visite a seguinte página: <http://cacim.net/twiki/tiki-index.php?page=Publications/Uddhab+Prasad+Pyakurel>.

Relevância do Fórum Social para os movimentos sociais na Ásia Meridional

Agora, não há nenhuma maneira fácil de reunir todas as diferentes perspectivas dos movimentos anticomunistas em uma coalizão. Em todo caso, o Fórum Social Mundial, sendo um espaço aberto para diversos grupos que não acreditam na violência organizada e que querem conversar uns com os outros, pode oferecer a grande oportunidade para que grupos grupos diversificados como esses se reunam. De modo similar, lidando com a questão da hierarquia institucionalizada das castas, a continuidade da tradição de discriminação, a exploração e a indignidade daqueles que antes eram chamados de intocáveis, é também uma questão importante. Logo, a discriminação de casta é uma grande questão na interface da política e dos movimentos sociais e também nesse aspecto há várias abordagens que seguem diferentes ideais inspiradas pelas tradições marxistas e leninistas e várias subcorrentes delas, como a tradição do socialismo democrático ou a tradição da esquerda liberal. Todas essas tradições tampouco se reúnem facilmente. O FSM também oferece espaço para todos os grupos que trabalham entre os dalits ou os próprios grupos dalits. Logo, foi quase um marco para muitos dos grupos dalits virem a uma plataforma que lhes deu exposição para toda a Índia, assim como para os movimentos asiáticos. Essa foi, provavelmente, a primeira vez que um número tão grande de grupos dalits se reuniu em um mesmo lugar. De modo semelhante, o que chamamos de Adivasis, a população tribal também está enfrentando o que eles chamam de maldição da natureza, pela qual acreditam que foram vítimas de um louco desenvolvimento racial. Muito desalojamento de pessoas e muitas ameaças aos seus meios de vida tradicionais estão acontecendo por todo o país. O Fórum Social Mundial deu a oportunidade a vários grupos dalits de expressar suas visões. Portanto, essas tribos de minorias dalits juntas constituem, de certo modo, os marginalizados. Eles são a

maioria quando reunidos, mas eles nunca se juntam. A diferença cultural e as abordagens políticas são tão diversas que eles não produzem nenhum tipo de impacto cumulativo na política convencional. Em todo caso, o formato do FSM era o de um espaço aberto que permitiu uma rigorosa autonomia interna para os vários grupos e ideologias. O Fórum Social Mundial é conceitualmente uma ideia de espaço aberto e a ideia de eventos auto-organizados. É difícil combinar duas características juntas – a do espaço aberto com a do rigor. Se você está organizando seu próprio evento, você pode ser tão rigoroso quanto quiser ser, ir fundo nas questões, trazer pessoas que você escolher, redigir uma carta, emitir uma declaração. Semelhantemente, quando você forma uma plataforma em que diversos grupos participam e não se espera deles que produzam uma declaração em nome do FSM, isso permite que você se aproprie de coisas que você não tinha pensado ou com as quais você possa não concordar, mesmo com ênfase em detalhes. Logo, o FSM não pede de nós nenhum tipo de acordos forçados ou unidade forçada. Isso proporciona o espaço para a diversidade e permite que, nessa etapa do FSM, nós possamos aprovar nossas próprias declarações. Não sei muito sobre o resto do mundo, mas as sociedades sul-asiáticas são tão estratificadas, e nessa estratificação cada estrato é tão autocontido, que um segmento da sociedade não conhece todas as expectativas ou aspirações ou dinâmicas dos outros segmentos. Por isso, um movimento cultural de longo prazo de aproximação cultural entre os diferentes grupos marginalizados é quase um pré-requisito para esses segmentos marginalizados da sociedade – os dalits, as minorias, a parte mais fraca da sociedade, a parte mais fraca economicamente, e os grupos tribais. A ideia de espaço aberto proporciona a possibilidade de que esses grupos diversos se reúnam em um único espaço e foi isso o que aconteceu em 2003. Foi o que aconteceu também em 2004. Havia cerca de 80 mil delegados que permaneceram durante todo

o período de duração do Fórum em Mumbai e em torno de 40 a 50 mil delegados que se registraram apenas para cada dia. Logo, por dia, havia em torno de 120, 130, 140 mil pessoas em um mesmo lugar, representando os diversos segmentos. Uma avassaladora maioria dos participantes era de indianos. O encontro resultou em vantagens de dois tipos. Globalmente, os movimentos começaram a olhar na direção de outros segmentos marginalizados. Por exemplo, no Brasil, não havia muita representação da população negra em edições anteriores do movimento do FSM, mas em Mumbai houve. Todos se inspiraram e foi considerado como um ponto de mudança, pois tinha “o cheiro da terra”. Então, havia o cheiro da terra. Isso significa que havia pessoas comuns, trabalhadores comuns de diferentes segmentos e não apenas os viajantes globais. Não eram apenas as pessoas que participam de movimentos globalmente conectados que estavam participando. Essa foi uma grande conquista, pois foi globalmente reconhecido que o FSM indiano representou um marco de inflexão no movimento global dos fóruns sociais. A outra vantagem, de ordem local, foi que esse evento proporcionou a emissão de 800 vistos para paquistaneses. Isso era inédito no passado recente. Imediatamente, após a separação de Índia e Paquistão em 1947, isso costumava acontecer nas épocas de partidas de cricket ou eventos como esses. As relações (entre Índia e Paquistão) deterioraram-se por conta de três guerras, portanto isso representou um importante ponto de mudança, com a participação de 800 delegados do Paquistão. O fato de não conseguirmos sustentar essas conquistas é um outro assunto. Uma outra grande conquista foi que isso deu confiança para os movimentos sociais na Índia, quando o Fórum Social Mundial aconteceu. Depois disso, houve eleições gerais. Esses movimentos tinham adquirido confiança por conta de uma visão coerente e porque eles trabalharam por uma agenda. Então, o governo que assumiu o poder após as eleições gerais de janeiro de 2004

implementou visões do Fórum Social. O governo prosseguiu por 10 anos – dois mandatos inteiros – e aprovou muitos projetos de lei progressistas, como o que garante o emprego por 100 dias nos distritos mais atrasados. O programa foi chamado de MNREGA – Programa de Garantia de Emprego Rural Mahatma Gandhi. O governo também redigiu os projetos de lei dos Direitos à Alimentação, Direitos à Educação, Direitos à Informação e Direitos das Florestas, entre outros. Então leis progressistas como essas foram aprovadas e essas questões foram potentemente articuladas pelos movimentos no espaço do FSM. Este ímpeto continuou, eles foram capazes de exercer pressão sobre o novo governo e, de fato, muitos dos participantes do FSM, como Aruna Roy e o então Diretor da Action Aid no país, Harsh Mandar, receberam um lugar no Conselho Consultivo Nacional do governo da Índia. O Conselho foi responsável por exercer pressão para todas essas leis progressistas que mencionei. Assim, essas 5 ou 6 questões (acima mencionadas) foram levantadas pelos movimentos sociais, e o FSM fortaleceu e proporcionou o reconhecimento coletivo dos temas. Foi por isso que esses movimentos foram capazes de pressionar o governo. A partir daí, os movimentos também conquistaram a autoconfiança de que não estavam sozinhos na luta. Logo, todos eles trabalharam para a saída do governo direitista e antipopular, e foi assim que o Governo da Aliança Progressista Unida assumiu. Havia uma mudança do governo e todas essas leis foram aprovadas, então há uma direta conexão entre movimentos e sua eficácia com o fato de que eles todos se reuniram no espaço do Fórum Social Mundial. Foi assim que se tornaram mais unidos, mais próximos uns aos outros e a apropriação de uns e outros foi maior. É assim que o Fórum Social está ligado com os movimentos sociais e os movimentos de marginalizados na Índia. Isso se aplica mais ou menos a toda a Ásia Meridional, pois partilhamos praticamente as mesmas realidades sociais, ou seja, castas, etnicidade, gênero e

religião baseados em hierarquia e discriminação. E foi a Ásia Meridional que testemunhou em conjunto uma mudança de época no Fórum Social.

Futuro do Fórum Social

Não acreditamos que aprovar uma resolução torne o Fórum forte. Somos conservadores nesse sentido, pois eu gostaria de fincar posição no formato original e não aprovar resoluções. Por exemplo, nós também ficamos injuriados pelo fato de o governo progressista do Canadá ter negado vistos para nós do Nepal e da Índia, e ficamos muito infelizes com isso. Foi um pouco estranho também porque o governo canadense tinha uma imagem muito progressista. Então ficamos surpresos e pensamos que as autoridades canadenses poderiam ser mais sensatas, pois a natureza da crise global requer uma maior atuação conjunta dos movimentos do Norte e do Sul; eles têm de entender as situações de uns e outros e trabalhar juntos. Essa foi uma grande oportunidade que não foi totalmente aproveitada por causa da negativa aos vistos. Apesar de tudo isso, o Fórum Social Mundial aprovar resoluções ainda não é aceitável para mim porque a situação no mundo é tão diversa que nunca vamos concordar com um único texto. Logo, (nesse caso) é inevitável que o movimento irá dividir-se. Ele não pode tornar-se eficaz e mais visível se começar a aprovar resoluções. Para isso acontecer, são necessários alguma identidade e algum respeito em certos setores, mas agora o que está fazendo é de certo modo atuar como catalisador de vários movimentos, movimentos diversos em contextos diversos, a se reunirem e se tornarem eficazes em suas respectivas localidades, em seus respectivos setores e para um grande número de uniões. O FSM não adquiriu essa espécie de profundidade e habilidade para ser capaz de capturar as especificidades e as nuances de cada região do mundo. Quer dizer, de maneira que todo mundo sinta “sim, essa é a nossa resolução”. A menos que essa situação aconteça, o que nós não vemos como possível no futuro próximo

por causa da diversidade de opiniões; se o mundo permanecer saudável, ele não será homogeneizado, as diferenças vão persistir no futuro também. Logo, será uma unidade muito artificial em âmbito global se começarmos a aprovar resoluções no Conselho Internacional. Logo, temos muita clareza de que Chico fez a coisa certa. Aqueles que estão ansiosos por aprovar uma resolução, que formem um movimento separado, uma assembleia de movimentos, e aprovelem as resoluções, e eles sempre poderão dizer que isso aconteceu nesse ou naquele espaço do Fórum Social, o que é perfeitamente válido dentro da atual estrutura do Fórum, que deve ser respeitada. Essa é a nossa visão e é a visão da maioria dos movimentos na Ásia Meridional. Ninguém necessariamente precisa de mais de uma bandeira para a sua luta; deixem, pois, que essa bandeira seja a troca de ideias, para criar na troca, para reescrever novas formulações, novas ideias e tornar-se, de certo modo, aquilo que os movimentos precisam ser para propagar seus pontos de vista. Logo, pode contribuir para que muitos pontos de vista se propaguem por si mesmos por meio de suas organizações, e não pela bandeira comum do Fórum Social Mundial. Este deve permanecer como um espaço aberto e esta é a única rota em que enxergamos o futuro do Fórum Social Mundial e a sua sobrevivência. No dia em que mudarmos isso, vamos reduzir-nos a um pequeno clube ideológico. As pessoas vão retirar-se para suas respectivas redes e formações ideológicas, e a ideia toda de um espaço aberto e de auto-organizar eventos combinando tanto abertura quanto rigor irá desaparecer para dar lugar a um espaço vazio com poucos ocupantes. No que se refere ao futuro do Fórum Social Mundial na Ásia Meridional, falando objetivamente, como expliquei enquanto tratava da ligação entre o Fórum Social e os movimentos sociais, reitero que a Ásia Meridional precisa de um fórum social. Essa é a única concepção que irá trazer aos diversos movimentos algum tipo de avanço ideológico e enriquecimento para todas as lutas trans-

formadoras que estão acontecendo na região. Isso depende de toda uma série de fatores subjetivos. Alguns líderes de movimentos puxam isso para si e declaram que vão organizar fóruns, e então isso novamente poderá dar uma nova direção para os movimentos no planeta inteiro. A Ásia Meridional pode liderar o movimento do Fórum Social Mundial se as pessoas se retirarem um pouco de seus trabalhos de rotina e decidirem que vão organizar o Fórum para todos os movimentos em um formato de espaço aberto. Então podemos novamente reunir e produzir um impacto global e, com isso,

rogo aos camaradas nepaleses que tomem a iniciativa de organizar o Fórum Social da Ásia Meridional agora. Vamos ver como os camaradas nepaleses vão mergulhar de cabeça nesse desafio.

* Vijay Pratap e Uddhab Pyakurel representam o Vashudhaiva Kutumbakam no Conselho Internacional do FSM. Também representam o e o SA-DED (Diálogos Sul-Asiáticos sobre Democracia Ecológica), que atua no FSM desde 2003. Vijay tem sido ativo no FSM desde 2002. Uddhab participou do Fórum Social Mundial da Índia, em 2006.



E la nave va

Por Chico Whitaker*

Na temporada de avaliação que o Fórum Social Mundial está vivendo, a tendência é concentrarmos nossa atenção no seu evento principal, isto é, no Fórum Social Mundial propriamente dito. Quinze anos de edições desse Fórum é um bom período para fazer balanços. Muitos consideram que é oportuna uma boa revisão não somente por isso, mas também porque, sem dúvida, o FSM já não tem o vigor que alcançou ao reunir 150 mil pessoas em Porto Alegre, cinco anos depois do primeiro Fórum, ou quando teve outro tanto de participantes em Belém, em 2009. Nesta perspectiva, ele estaria desaparecendo de muitos radares, o que exigiria que refletíssemos sobre como fazer para que volte a ter a relevância que já teve. No entanto, por outro lado, consideram que uma revisão é necessária porque o mundo mudou muito desde que a proposta do FSM foi feita por um grupo de organizações e movimentos sociais brasileiros. E isto exigiria uma readequação dessa proposta diante dos problemas e desafios atuais do mundo e à própria evolução na ação das forças políticas. Seria preciso mudar o caráter do Fórum assim como o modo de ele se realizar, deixando-se de respeitar ou revendo sua Carta de Princípios, elaborada a partir do sucesso do primeiro em 2001? Esse debate, que se desenvolve dentro ou em torno do Conselho Internacional do Fórum, tem levado a questionar-se igualmente a função e o modo de trabalhar dessa instância, criada igualmente depois do primeiro Fórum. E o CI vive há vários anos uma grande crise de identidade e de funcionamento, de-

pois de ter cumprido um papel essencial nas decisões sobre a realização desses eventos pelo planeta afora e sobre a metodologia de sua organização. Tenho vivido e acompanhado experiências que me levam a acreditar que precisaríamos voltar nossas atenções para o que temos chamado de “processo do FSM”, mais além dos eventos mundiais e da própria crise do CI. Esse “processo” é o conjunto de Fóruns Sociais Regionais, Nacionais e Locais, e agora também Temáticos, que surgem onde militantes querem organizá-los. E, para caracterizá-lo, eu utilizaria a imagem criada pelo título de um filme de Fellini, que utilizei para dar um título a estas reflexões: e la nave va. Esta expressão tem o mesmo poder de síntese do dito popular menos gentil que diz que “a caravana passa enquanto os cães ladram”: ela resume bem o modo como algo que está sendo feito ou está acontecendo segue seu caminho com força própria, sem ser incomodado. Eu, no entanto, associaria o processo do Fórum Social Mundial à primeira dessas expressões, mais leve e mais próxima do ambiente alegre e sem ranger de dentes que se procura criar nos FSM – quando se consegue libertá-los de lutas pelo poder dentro deles. Está se tornando cada vez mais complicado decidir onde se realizará o principal evento desse processo a cada dois anos – periodicidade adotada antes do FSM de Belém, em 2009. As discussões a respeito dentro do CI correm até o risco de imobilizá-lo mais do que está. E alguns de seus membros até já levantam a hipótese de o evento FSM ser organizado com menor frequên-

cia, isto é, a cada três em vez de a cada dois anos. Ora, o mesmo não ocorre com o processo, que parece já ter entrado para a categoria dos Bens Comuns da Humanidade, cuja característica fundamental é não terem dono e estarem igualmente ao serviço de todos. O processo do FSM desenvolve-se de maneira totalmente autônoma, com força própria, sem depender de ninguém, nem da ação de comandantes nem de desejos de insatisfeitos. Há muitos “Fóruns Sociais” ocorrendo pelo mundo afora, dos quais o CI só toma conhecimento quando alguém lhe leva dados a respeito – como, se não me falha a memória, em sua reunião de Dakar, em 2011, em que ficamos surpreendidos, positivamente, com a informação de que no ano anterior tinham sido realizados mais de 50 eventos desse tipo. A maioria dos membros do CI nem sabia da maioria dos que tinham acontecido. Eu quase diria que, em vez de nos desgastarmos em discussões em torno da escolha dos locais de realização dos FSM, ou visando melhorar o CI para que cumpra adequadamente suas funções relativas aos eventos mundiais, talvez devêssemos ajudar mais os Fóruns Sociais que se realizam no “processo do FSM”, nos quais é a dinâmica dos Bens Comuns – sem donos - que lhes dá vida. Na medida em que esses Fóruns Sociais forem efetivamente “espaços abertos horizontais”, sem ninguém que os “dirija”, nos quais se respeite a diversidade e se facilite o surgimento de novas articulações, alianças e redes, estaremos construindo a força que precisamos ter para enfrentar o sistema que domina o mundo, a qual tem de ser muito maior do que aquela de que dispomos se continuarmos fragmentados e competindo uns com os outros, dentro de nosso próprio campo. O esforço pela construção da unidade, na diversidade, é de fato a grande novidade política da proposta levantada pelo Fórum Social Mundial.

O evento mundial é evidentemente necessário e deve acontecer periodicamente, porque resume e simboliza uma alternativa para o mundo: aquela que a sociedade civil propõe a uma Humanidade cada vez mais angustiada com as tristes perspectivas políticas, ecológicas e humanas decorrentes do domínio do planeta pelo capital. Mas esse evento – que será sempre o principal - só pode representar um avanço rumo ao “outro mundo possível” se as lutas dos movimentos sociais que dele participam estiverem de fato avançando em cada uma das múltiplas frentes em que temos que superar esse domínio. Dentro do “processo do FSM”, os Fóruns Sociais Temáticos, com área de abrangência geográfica variável, são uma novidade que o dinamiza ainda mais. Eles começam a se multiplicar, respondendo à necessidade de focar os “espaços abertos” em lutas específicas, de forma a poder avançar com mais aprofundamento, precisão e detalhe no lançamento de ações concretas. Eu estou vivendo pessoalmente uma destas experiências com Fóruns Sociais Temáticos sobre o nuclear, reunindo aqueles que, em diferentes países, lutam por um mundo sem bombas atômicas nem usinas nucleares. A partir de propostas surgidas em atividades realizadas por organizações antinucleares no FSM de 2015 em Túnis, foi realizado em Tóquio, um ano depois, um primeiro Fórum Social Temático contra o uso civil e militar do nuclear. Nele se lançou um apelo pela construção de uma rede mundial antinuclear. Dando seguimento a esse apelo, um segundo Fórum desse tipo e em torno desse tema foi realizado, ainda em 2016, como uma atividade no Fórum Social Mundial de Montreal. Nele emergiu uma Declaração que explica didaticamente porque é preciso ser contra o nuclear. Agora, organizações antinucleares francesas discutem a proposta de realizar um terceiro Fórum Temáti-

co antinuclear na Europa, em novembro de 2017. A França é um dos países que fizeram mais testes com bombas atômicas durante a Guerra Fria, contaminando com radioatividade grandes territórios. Ela dispõe de um grande arsenal dessas armas, que ameaçam, com outros arsenais iguais ou maiores de outros países, a própria continuidade da vida na Terra. Ela é também o país mais nuclearizado do mundo, com uma matriz energética em que 75% da sua eletricidade é produzida por usinas nucleares. A possibilidade de acidentes como os de Chernobyl na Rússia e de Fukushima no Japão é o grande pesadelo do país, assim como o problema ainda não resolvido do destino a dar às toneladas de lixo radioativo que nele se acumulam. Ora, uma das características da luta antinuclear francesa é exatamente sua fragmentação. As organizações que agem nesse campo têm dificuldade em se entender entre elas, para poderem unir-se, o que as enfraquece diante de um inimigo comum poderosíssimo. Um Fórum Social Temático realizado nesse país – e será ainda melhor se ele se ampliar para o espaço europeu – cumprirá um papel relevantíssimo. Dentro da dinâmica lançada por esses Fóruns Sociais Temáticos, eu me propus a participar dessa iniciativa, articulando nesse esforço as organizações antinucleares brasileiras e contribuindo com o relato das experiências que vivi na organização de Fóruns Sociais de diferentes tipos e níveis. O texto abaixo foi uma dessas contribuições, através de um mail enviado ao grupo de mais de 40 pessoas, de diferentes organizações, que está tomando decisões sobre a realização ou não do 3o. Fórum Social Temático por um mundo sem nuclear. Seu conteúdo leva em conta que a maioria dessas pessoas nunca participou de um FSM e não está habituada às novidades organizativas dos Fóruns Sociais – uma “invenção política”, na expressão cunhada por um de nossos com-

panheiros – nem tem um maior conhecimento do conteúdo da Carta de Princípios do FSM. Eu transcrevo aqui esse mail porque pode ser eventualmente útil a quem considere, como eu, que vale a pena multiplicar Fóruns Sociais pelo mundo afora, para dar cada vez consistência ao “processo do Fórum Social Mundial”. São algumas notas sobre a organização de um Fórum Social Temático, no processo do Fórum Social Mundial. No Brasil dizemos, quando as coisas estão indo bem, que “vai dar samba”. Visceralmente otimista, ao ler a troca de mensagens de vocês por mail, considero altamente provável, apesar de alguns confrontos compreensíveis na longa história de luta contra o nuclear na França, que “vai dar samba”: a realização em 2017, na Europa, do 3º Fórum Social Temático contra o uso civil e militar do nuclear (um título que vocês ainda discutirão, é claro), no processo do Fórum Social Mundial. O alargamento das perspectivas deste Fórum, que também está emergindo nestas trocas, já criou boas expectativas para nós, na nossa luta no Brasil. Eu acredito que o mesmo poderá acontecer em outros países que serão tocados pela sua iniciativa. Deixem-me, no entanto, pedir desculpas àqueles que já estão informados de tudo que eu vou escrever e por entrar em muitos detalhes, lembrando duas ou três coisas que aprendi na minha experiência pessoal. Esta experiência não é tão longa mas de algum tempo, ao ter podido participar de muitos Fóruns Sociais (mundiais, nacionais, locais e temáticos) e de sua organização, desde o início desta iniciativa, ao longo dos últimos 15 anos. Espero que estas notas possam evitar mal-entendidos que podem interromper o processo. Para não alongar este texto, não vou tentar justificar cada orientação normalmente adotada no processo FSM e que, na minha opinião, explicam a sua longa

vida, dando-lhe alguma utilidade. Mas os interessados podem evidentemente encontrar reflexões sobre isso nos textos dos debates que acompanham a história do FSM e suas escolhas desde o seu início.

1. De início, eu teria de dizer que um Fórum Social não é um movimento ou nem pretende tornar-se uma Federação de movimentos. Ele também não é um instrumento para criar um novo movimento ou Federação dos movimentos. Ele é simplesmente um espaço aberto para o encontro de movimentos e organizações que permita, em discussões e intercâmbios, sem luta pelo poder, seu reconhecimento mútuo, a superação de preconceitos, as articulações possíveis, a criação de redes, o lançamento de iniciativas conjuntas de quem encontrar, durante o Fórum, convergências que possam fortalecer suas lutas. O respeito pela diversidade (e multiplicidade) de lutas, histórias e engajamentos, e até mesmo de níveis de engajamento, é, na verdade, um princípio essencial da Carta do FSM. Ela tem como ponto de partida a convicção de que a unidade, que pode dar-nos mais força, não pode ser obtida pela nossa homogeneização e enquadramento sob um ponto de vista único ou uma estratégia única de um único corpo, mas sim nos interligando uns aos outros na confiança e no respeito à nossa diversidade. Ora, parece-me que obter este tipo de unidade seria particularmente importante na luta antinuclear na França e justifica a realização deste Fórum. É nesta perspectiva que os Fóruns Sociais não assumem posições enquanto Fóruns. Eles não terminam com tomadas de decisão ou documentos finais únicos, engajando todos os seus participantes, mas com documentos finais em número igual ao número de convergências, na reflexão e na ação, que os participantes foram capazes de encontrar ou criar durante o fórum. Ele não existe senão para permitir que as lutas de cada um dos seus participantes possam avançar. Eles é que têm de falar à sociedade,

em nome daqueles que os indicaram para isso. A eficácia de um Fórum não é medida, então, como se ele fosse um movimento que precisa de resultados em sua ação, mas pelo aumento da eficácia na ação de cada organização participante, em conexão com a ação de todos os outros.

2. Em segundo lugar, é bom considerar que os Fóruns Sociais são bem diferentes dos Fóruns com que estamos acostumados. Em geral, aqueles que organizam Fóruns os preparam de uma ponta à outra, tomando todas as medidas para garantir que eles funcionem bem. Eles tomam decisões sobre datas e local, sobre o tema ou os temas, sobre os palestrantes e os convidados, sobre a qualidade dos locais, sobre a duração e a qualidade dos debates e traduções (quando é internacional), bem como sobre a comunicação antes, durante e depois. E financiam a viagem e a estadia dos palestrantes, bem como o uso do local escolhido para a realização. Por isso, o “poder” daquele ou daqueles que o organizam deve ser claro e bem definido. Ele é, portanto, geralmente, centralizado, para garantir que as tarefas sejam bem cumpridas e os problemas imprevistos tenham uma solução rápida e eficaz. Quanto à organização, é como se fosse realizado por uma empresa tradicional bem gerida. Se ele tem o caráter de Congresso ou Assembleia, seus organizadores podem oferecer conclusões, que podem ou não ser votadas pelos participantes, com declarações ou documentos finais que eles mesmos preparam, com ou sem a contribuição de participantes escolhidos ou eleitos. Um Fórum Social (no processo do Fórum Social Mundial) segue uma dinâmica totalmente diferente. Normalmente, ele é organizado por um conjunto (um pool) de movimentos e organizações sociais que criam, colegiadamente, um espaço de reflexão e discussão aberto a todos os que estão envolvidos em uma luta social, ou interes-

sados em dela participar, tendo em vista a construção de “outro mundo possível”. Se ele é um Fórum temático, esta reflexão pode ser limitada ao tema, caso contrário, é aberta a tudo. Este pool tem geralmente pelo menos dois níveis de poder:

- um mais amplo, de tipo Assembleia, que reúne todos aqueles que querem que o fórum se realize, excluindo apenas os partidos como tais (mas não seus membros se fazem parte de organizações da sociedade civil), governos e empresas (estes são Princípios da Carta do FSM). Estas instituições podem colaborar na realização do Fórum, sem, no entanto, exigirem contrapartidas ou intervirem nas decisões tomadas pelos organizadores, tanto no que diz respeito aos participantes como ao conteúdo das discussões e reflexões. A experiência aconselha a que cada membro desta assembleia represente um coletivo. De acordo com a Carta, excluem-se também da participação aqueles que fazem a opção do uso da violência na sua ação política.
- um segundo nível, mais executivo, para implementar as decisões tomadas pela Assembleia, mas também constituído por várias organizações, tão diversas quanto possível. Membros de uma e outra instância não são os “líderes” ou “dirigentes” do fórum (como um Conselho de Administração ou como altos responsáveis de uma aliança política), mas seus “facilitadores” (a palavra é importante) de um processo coletivo. Eles não representam os participantes do Fórum e, por isso, não podem falar em seu nome. Eles estão ao serviço de todos os participantes do Fórum, para que sua reunião “horizontal” – isto é, sem hierarquias na que é discutido em um Fórum – seja possível. Nos dois níveis, as decisões não são tomadas pelo voto (para conhecer a vontade da maioria), mas por consenso, entendido como uma forma de decidir sem, necessariamente, unanimidade ou homogeneidade de posições, mas considerando o que

é satisfatório e aceitável para todos, para que eles não se dividam e entrem em competição entre si. A Assembleia também pode constituir, se necessário, grupos de trabalho ou comissões ad hoc para discutir as decisões a tomar, ou para apoiar o trabalho do nível executivo. Assim como quanto à formação da Assembleia e do grupo executivo, qualquer organização participante pode propor-se a integrar estes grupos de trabalho e comissões. Uma vez decidida a realização de um Fórum Social, nos termos acima, o pool de organizações que irá assumir esta responsabilidade, tendo planejado datas e local onde ele vai acontecer, lançará convites à participação de todos os interessados, sem limitações exceto aquelas especificadas na Carta de Princípios (empresas, partidos, governos, opção pela violência). Com ou sem as contribuições dos participantes, os organizadores assumem todos os custos relacionados às despesas administrativas, ao uso de instalações, aos serviços de tradução, ao material impresso relacionado ao programa, às facilidades necessárias para a realização do Fórum. Mas eles não cobrem o transporte ou a estadia dos participantes, podendo somente ajudá-los a encontrar alojamento. Cabe aos participantes encontrar maneiras de cobrir suas despesas. Inclusive, quando realizam atividades no Fórum que exigem convidar especialistas ou participantes de ações militantes, eles é que têm de resolver o problema. A cobertura dos custos do Fórum em geral conta também com a contribuição de voluntários assim como das organizações que participam da sua realização, por meio da disponibilização de pessoas, serviços, equipamentos ou mesmo locais. Para os participantes que não têm recursos para viajar, um Fundo de Solidariedade com contribuições dos participantes é, muitas vezes criado, garantindo-se que ele não seja usado para uns e não para

outros. Cabe à Assembleia discutir como fazê-lo. Por outro lado, o conteúdo do que será discutido no Fórum não é decidido pelos organizadores/facilitadores, mas pelos próprios participantes, ao inscreverem as atividades que queiram realizar (debates, conferências, seminários, painéis, exposições, manifestações, denúncias, etc.). Os organizadores/facilitadores têm de alocar estas atividades no espaço e no tempo, com base em critérios que facilitem os intercâmbios, porém assegurando que nenhum participante seja privilegiado. Uma orientação que tem sido sempre adotada é a de que as proposições de atividades não possam ser feitas por indivíduos isolados, sem um mínimo de

apoio coletivo: essas proposições só podem ser feitas por organizações, por menores que sejam. Creio que isso é o essencial que eu agora gostaria de lhes transmitir. Existem ainda várias outras orientações que a prática da realização dos Fóruns ajudou a definir, mas terei outras oportunidades para apresentá-las.


Obrigado por sua paciência.

*Chico Whitaker é arquiteto, político e ativista social brasileiro e representa a Comissão Brasileira Justiça e Paz no Conselho Internacional do FSM. Atua no Fórum Social Mundial desde sua criação, em 2001, sendo um de seus idealizadores.



O FSM 2016 no processo do FSM

Por Damien Hazard* e Mauri Cruz**

 O FSM 2016 acabou. Até que ponto o evento conseguiu contribuir para o processo do FSM? Eis a questão! O mundo mudou muito desde que foi criado o FSM em 2001, mas o maior processo de articulação de organizações e de movimentos sociais do planeta, em muitos aspectos, não conseguiu acompanhar esta evolução. O FSM permanece diante de grandes desafios, como de aumentar a sua visibilidade no mundo e sua capacidade de mobilização, reinventar sua dinâmica política, estimular convergências entre movimentos e assim fortalecer a sua expressão e incidência política, contribuindo diretamente na definição de estratégias coletivas de superação do capitalismo. Na perspectiva do FSM 2016, realizado de 9 a 14 de agosto em Montreal, diversos textos foram produzidos, boa parte escrita por membros do Conselho Internacional, que questionaram o futuro do FSM e até sua existência. “Porque os FSM continuam como modo de ações coletivas?” pergunta Pascale Dufour. Aponta algumas possibilidades, que ela mesma qualifica de simplistas: “porque nos acostumamos com isso ou porque é uma estratégia midiática eficaz”, e conclui com a esperança de que a edição 2016 possa trazer outras respostas. Com um teor provocador equivalente, Pablo Solon, da Bolívia, sugere celebrar os funerais do FSM durante o evento em Montreal. A grande mídia internacional, nas poucas notícias que deu sobre o FSM 2016, fez eco a esses dilemas e colocou dúvidas sobre o processo FSM. As reações de militantes e ativistas foram numerosas e, de forma geral, opuseram-se a esta perspectiva, inclusive dentro do próprio FSM 2016. Mau-

ri Cruz, da Abong, observou que “não será desta vez que os setores críticos aos processos do FSM irão enterrá-lo. Até porque o FSM é auto-organizado, desta forma, quem poderia decidir acabar com ele?”. De fato, é necessário olhar para os movimentos sociais do mundo inteiro, para as suas relações com o processo do FSM e ouvir suas vozes. Não há como negar que diversos movimentos, organizações e intelectuais afastaram-se dele no final da década anterior. Ao mesmo tempo, novas dinâmicas e novos movimentos passaram a expressar-se dentro do processo FSM, em diversas regiões do mundo. Do Brasil e do Curdistão, passando pela Palestina, pelo Oriente Médio e pelos países das regiões norte e oeste-africanas, até o Québec, a Índia e o Japão, novas vozes e novas dinâmicas de articulação manifestam-se dentro de coletivos e fóruns locais. Muitas delas vivenciam a diversidade de lutas e a transversalidade das causas e já estão em processos de convergência. Buscam, na participação em uma edição mundial do FSM, a possibilidade de expressar suas lutas e encontrar solidariedade, como também ecoar suas experiências e integrá-las em uma estratégia global de ação em construção. Essas vozes e dinâmicas constituem um potencial importante para a renovação do processo FSM, mas precisam ser ouvidas e integradas em um processo de diálogo e construção coletiva. Isso não foi facilitado no FSM 2016. O primeiro problema surgiu com a negação do visto pelo governo canadense para centenas de ativistas e militantes de países ditos do Sul, principalmente da África, do Oriente Médio, da Ásia, da América Latina e do Caribe. O caso mais emblemático foi o

da feminista, ex-ministra do Mali e candidata à Secretária geral das Nações Unidas, Aminata Traoré. O novo governo conduzido pelo liberal Justin Trudeau evidenciou com esta decisão o quanto deve ser relativizado o caráter progressista que lhe é atribuído. “A mensagem é que o hemisfério norte, que dá lições de democracia, pisa sobre seus próprios princípios” declarou Aminata Traoré para o jornal local *Le Devoir*, diante desta violação de direitos. A presença internacional, já afetada pelos altos custos da viagem e estadia em um país do Norte, acabou sendo limitada. Também foi limitada a presença de movimentos e organizações do Canadá de língua inglesa e dos Estados- Unidos e de povos indígenas da América do Norte. Mas a juventude, particularmente estudantil, e o meio artístico de Montreal estiveram presentes. O comitê organizador local, formado em maior parte por jovens, desenvolveu uma metodologia participativa de articulação de movimentos do Québec e tentou aprimorar os processos de convergência. O evento foi bem organizado, apesar do orçamento limitado, e contou com uma infraestrutura adequada e o trabalho prestativo de 1.000 pessoas voluntárias. Foi um encontro cidadão, mas com limitações e dificuldades na articulação do individual com o coletivo. Dentre as 22 assembleias de convergência e as 9 conferências, muitas foram exitosas. Viabilizaram ricos intercâmbios entre povos, contribuíram para elementos de estratégias de intervenção, contudo em espaços temáticos isolados com lutas específicas: Defesa da Democracia, promovida pelo coletivo brasileiro de organizações; a Campanha BDS de boicote a Israel; Justiça climática e transição energética; Direito à cidade e à terra; Migrações; Desarmar a finança: justiça fiscal; Transição pós-capitalismo: comuns; Direito à educação; Comércio Justo; Futuro do FSM, entre outros temas. A “Agora das Iniciativas”, no último dia, consistiu-se em um conjunto de apresentações de propostas

de ação, destinadas a compor uma estratégia global. Seria ingênuo pensar que isso significou um processo de convergência das convergências. Além da expressão das lutas, um processo de convergência dos movimentos começa com o reconhecimento pelos demais da legitimidade da atuação dos movimentos e chama para manifestações de solidariedade. Na ausência de um espaço que permita isto, muitas vozes voltaram a manifestar-se no final do FSM, desta vez na reunião do Conselho Internacional. Em Montreal, o Conselho Internacional realizou uma reunião pouco representativa dos atores presentes no FSM e manteve-se preso a um processo demorado de reestruturação. Pior que isto, não conseguiu aprovar uma nota de denúncia contra a negação de centenas de vistos pelo governo canadense, muito menos aprovar notas de denúncia contra o golpe no Brasil, de apoio ao povo palestina e a favor da campanha BDS de boicote a Israel ou de solidariedade com o povo curdo. Aqui reside um profundo equívoco. É correto que ninguém pode falar em nome do FSM. Neste sentido, nem mesmo o CI fala em nome do FSM. O CI é um espaço de articulação e apoio aos processos autônomos do FSM e, como tal, fala em nome de si mesmo e não do FSM. E, sempre que possível, deve tomar decisões pelo convencimento político através de encaminhamentos consensuados. A busca por construir decisões de consenso é importante, para que não sejam produzidas decisões de maioria, mas este princípio do consenso dentro do CI, não pode tornar-se uma ditadura da minoria, que recusa a ideia de tomada de posicionamento político em situações críticas, alegando que fere a Carta de Princípios⁵ de 2001, ainda que, na sua história, o FSM e o CI tenham tomado posição política sobre temas como a Alca e a Guerra do Iraque, só para citar dois exemplos. Com isto, o CI tem perdido até a capacidade de debater política, deixando de agregar os novos atores sociais em luta contra o

5 A Carta de Princípios, no seu artigo 6, afirma que “os encontros do FSM não têm caráter decisório”, e “ninguém está autorizado a expressar-se em nome do FSM”.

capitalismo no mundo. Essa incapacidade refletiu-se na falta de foco político do próprio FSM 2016. Felizmente, o FSM não é apenas o CI. Há inúmeros processos pelo mundo que levam a energia e a inovação nascida com o FSM. Um outro CI e um outro FSM são possíveis, e talvez já tenham começado. Com todos os entraves e desafios, o FSM permanece um espaço único no âmbito global, com o potencial de reunir e fomentar narrativas contra-hegemônicas, disseminá-las e assim oferecer às forças progressistas de todo o planeta uma renovação do pensamento utópico, num

momento em que, muitas vezes, a esperança dá lugar à desilusão. O próximo ano será decisivo.

*Damien Hazard é coordenador da Vida Brasil, membro do Coletivo Baiano do FSM e membro do conselho diretor da Abong.

**Mauri Cruz é diretor do Instituto IDhES, coordenador do CRDH-Camp e diretor executivo da Abong. Ambos estão envolvidos nos processos do FSM desde 2001 e representam a Abong no Conselho Internacional do FSM.





Fórum Social Mundial 15 anos: unidade para enfrentar a crise e a ofensiva golpista na América Latina

Por Liège Rocha*

“**D**esafios foram apontados como a necessidade de o FSM ter uma ação continuada, não se limitando ao evento em si, para enfrentar as investidas do imperialismo e a crise internacional, desenvolvendo uma agenda unificada, a exemplo do que aconteceu em 2003 com uma grande ação mundial, envolvendo milhões no mundo inteiro pela paz e contra a guerra.” Em Porto Alegre-RS-Brasil, ocorreu o Fórum Social Temático 15 anos – balanço, desafios e perspectiva para um outro mundo possível, de 19 a 23 de janeiro de 2016, com participação de movimentos sociais de mais de 60 países das várias partes do mundo. A diversidade das áreas de atuação foi uma marca desse fórum. Ali estiveram presentes mulheres, homens, jovens e idosos, negros, índios, rurais e urbanos, militantes do movimento sindical, feminista, da luta contra o racismo, LGBT, do ambientalista, da economia solidária, dos artesãos, pela paz e contra a guerra, de solidariedade aos povos, dos catadores entre outros. O FSTemático começou com uma belíssima marcha de abertura, contando com a participação de quase 20 mil pessoas que clamavam em defesa da democracia e contra o golpe no Brasil. Aqueles que não veem mais sentido nos FSM, que consideram não ser esse um espaço em que devemos investir nossas energias, com certeza, estão revendo suas opiniões e pensando no quão foi marcante a presença aguerrida de diversos segmentos dos movimentos sociais nos mais variados espaços de debates. Nas Mesas de Convergências onde aconteciam as discussões sobre grandes temas da atualidade, tais como “Democracia e Desenvolvimento

em Tempos de Golpismo e Crise”, “Imperialismo em crise ameaça os povos com guerras e agressões” e “América Latina - Resistências e alternativas em defesa da democracia e das conquistas contra a ofensiva imperialista”, reuniam-se mais de 1000 pessoas atentas e vibrantes, a todo instante puxando palavras de ordem. Na discussão sobre o futuro do FSM, ficou evidente que ele continua sendo espaço importante de articulação dos movimentos sociais de todas as partes do mundo, respeitando a diversidade e dando visibilidade às mais variadas áreas de atuação. Foi reafirmado que, nas cidades onde tem acontecido os FSM, o movimento social sai do processo fortalecido e mais estimulado para continuar lutando por um outro mundo possível. Desafios foram apontados, como a necessidade de o FSM ter uma ação continuada, não se limitando ao evento em si, para enfrentar as investidas do imperialismo e a crise internacional, desenvolvendo uma agenda unificada, a exemplo do que aconteceu em 2003, com uma grande ação mundial, envolvendo milhões no mundo inteiro, pela paz e contra a guerra. Outro desafio apontado é romper a barreira da comunicação, pois é inadmissível que um evento que reúne milhares de pessoas, enfocando temas da atualidade, não chegue ao conhecimento da população. A Assembleia dos Movimentos Sociais é um momento ímpar no FSM, quando é reafirmada a necessidade da união de forças para avançar na luta contra o imperialismo e o conservadorismo, em defesa da democracia e de um mundo melhor, onde não haja opressão de qualquer espécie. Está colocada, na ordem do dia, a intenção de

avançar no processo fórum em nosso país, na perspectiva da retomada do Fórum Social Mundial Brasileiro, assim como no fortalecimento da integração regional e no enfrentamento das investidas imperialistas em nosso continente, reeditando o Fórum Social das Américas. Com certeza, outro mundo é possível, e continuamos perseguindo esse objetivo.

*Liège Rocha é diretora da Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM), coordenadora nacional de Relações Internacionais da União Brasileira de Mulheres (UBM) e secretária nacional da Mulher/PCdoB. Atua no Fórum Social Mundial desde seu início, em 2001, e integra o Conselho Internacional do FSM desde a edição de Belém (PA), realizada em 2010.



O papel do FSM na minha trajetória

Por Oded Grajew*

O papel do FSM na minha luta está relacionado, em primeiro lugar, às premissas que me levaram, em janeiro de 2000, à ideia de sua criação e de levar adiante, junto com outros companheiros, esta iniciativa até sua concretização em janeiro de 2001, em Porto Alegre (RS). Naquele momento, a ideologia do neoliberalismo estava no seu auge, prometendo conduzir o mundo à felicidade pelas forças do mercado desregulamentado. O Fórum de Davos, o porta-voz desta ideologia, atacava os críticos, dizendo que os questionamentos eram vazios, sem uma proposta alternativa. A ideia de criar o FSM foi exatamente para contrapor essa visão, colocar a economia a serviço do social (e não o social a serviço da economia) e mostrar que existem propostas e experiências concretas neste sentido. Também acreditava (e continuo acreditando) que poucos dominam e exploram tantos porque estes dominados e explorados, a maioria da população mundial, têm dificuldades de se juntar, de se articular para ganhar força política e social capaz de reverter o atual modelo de desenvolvimento, o atual escandaloso quadro de desigualdades. Meu objetivo sempre foi o de mostrar que há caminhos e alternativas, que escolhas podem ser feitas e que “um outro mundo é possível”. No meu trabalho, na minha luta para promover um outro modelo de desenvolvimento, procuro fazer exatamente aquilo a que se propõe o FSM. Procuro mostrar as mazelas do atual modelo de desenvolvimento que aprofunda a desigualdade, provoca danosas mudanças no clima e esgota os recursos naturais, colocando em risco a própria vida huma-

na no planeta. Esta demonstração é sempre feita utilizando fatos concretos, avaliações científicas e indicadores. Por outro lado, procuro sempre visibilizar propostas e experiências exemplares que demonstram na prática, com avaliação de resultados, com dados concretos, que é possível promover um modelo de desenvolvimento socioambiental que reduz as desigualdades, promove qualidade de vida para todos e preserva os recursos naturais para assegurar a vida das futuras gerações, sempre mostrando que “um outro mundo é possível, um outro país e uma outra cidade são possíveis, e um outro modelo de desenvolvimento é possível”. Outro conceito pioneiro do FSM que considero essencial é o de facilitar processos de encontro e de articulação, promover ações horizontais e em rede e aprofundar a democracia participativa e direta. E é com base nele que procuro sempre agregar pessoas e organizações interessadas no tema, juntando, oferecendo espaço de articulação e de parceria, para ganhar força política e social capaz de promover as mudanças nas regras, nas políticas públicas e nas prioridades da sociedade que definem os impactos na vida das pessoas. É fundamental ampliar os espaços de participação na sociedade e nas instâncias governamentais. É nisso, por exemplo, que se fundamentam a Rede Nossa São Paulo e o Programa Cidades Sustentáveis. O FSM foi e é de grande utilidade para a minha trajetória profissional por ter proporcionado a concretização de várias parcerias que enriqueceram o trabalho com muito conteúdo e conhecimentos e facilitaram contatos e apoios que se tornaram fundamentais na construção e resultados de projetos.

O FSM é uma inovação política, de métodos e de ação. Como prega sua carta de princípios (recomendo a leitura), propõe-se a valorizar a diversidade e a organizar-se e agir horizontalmente, em rede, sem cooptação e dominação de nenhuma organização ou partido político. O FSM não é uma organização, mas apenas um facilitador de processos. Nenhum participante e nenhuma luta é mais importante que as outras, todos têm a liberdade de articular-se, de agir e de manifestar-se em nome da organização ou de sua rede. Ninguém pode agir ou manifestar-se em nome de todos. A participação de todos os que concordam com sua carta de princípios (que também define valores e visão de mundo) é assegurada. Todos estes conceitos foram exaustivamente debatidos, fazendo autocrítica, analisando as fragilidades da sociedade civil que não havia conseguido, até aquele momento, recriar-se, inventar novos processos e metodologias capazes de reverter o desolador estado social, ambiental, político e cultural do mundo. Creio que, se prevalecer esta inovação metodológica, esta nova forma de fazer política, o FSM continuará a espalhar-se pelo mundo em eventos locais, regionais, globais e temáticos, servindo como um dos instrumentos capazes de fortalecer a sociedade civil progressista local e mundialmente. Continuará sendo um espaço privilegiado de encontro e de articulação internacio-

nal de todos os que querem um mundo melhor. O neoliberalismo não é apenas um sistema econômico, é também uma visão de mundo, um conjunto de valores que tem como base o individualismo, a competição e a busca pelo poder. O FSM já sofreu e sofre contestações dos que tentam dominar politicamente o Fórum, colocá-lo a serviço de uma corporação, de um partido (não devemos esquecer que o FSM é uma iniciativa da sociedade civil), de uma fração das pessoas e organizações participantes. Se esta visão ganhar força e se instalar, transformando o FSM numa organização com hierarquia de poder e de mando, será, no meu ponto de vista, o fim do FSM, o seu esfacelamento, a sua desagregação. Aliás, este tem sido o nosso desafio nas nossas organizações. Na hora em que se instala a luta pelo poder, quando o poder passa a ser mais importante que a causa, a organização acaba sofrendo, correndo o risco de acabar ou de tornar-se irrelevante. O futuro do FSM dependerá de nossa capacidade de fortalecer esta nova cultura política e de preservar a sua carta de princípios.

*Oded Grajew é coordenador geral do Programa Cidades Sustentáveis, presidente emérito do Instituto Ethos e presidente do Conselho Deliberativo da Oxfam Brasil. Atua no Fórum Social Mundial desde sua criação, em 2001, sendo um de seus idealizadores.



O FSM, a mídia livre e o desafio da comunicação

Por Bia Barbosa, Erika Campelo e Rita Freire*

Nos últimos 15 anos, muitos movimentos e redes sociais se constituíram, desenvolveram ou fortaleceram no âmbito do processo do Fórum Social Mundial. O Fórum Mundial de Mídia Livre (FMML), um espaço de articulação de lutas internacionais por outra comunicação, é um deles. Fruto do enlace das experiências de comunicação compartilhada que vinham do FSM desde 2001 com as lutas pelo direito à comunicação em suas tantas dimensões – políticas, sociais, tecnológicas e culturais –, o FMML nasceu em 2009, durante o FSM em Belém. Foi um desdobramento natural dos esforços coletivos de promover ações midiáticas em torno do FSM. Com as edições anuais de cobertura compartilhada, que aconteciam a cada edição do Fórum e que resultaram em projetos coletivos de mídia escrita, rádio, TV e em um hacklab, ativistas da comunicação organizaram-se globalmente e constituíram-se, por dentro do FSM, também como um movimento de luta pela liberdade de expressão. Um ano antes, em janeiro de 2008, a experiência do Dia de Ação e Mobilização Global mostrou a centralidade da comunicação para a transformação tão buscada pelo FSM. Sem um centro físico, toda possibilidade de encontro das lutas dependeu, naquele ano, de conexões no ambiente virtual. A comissão de comunicação do FSM e seus projetos compartilhados lançaram então uma rede social que contou com adesão explosiva. Centenas de páginas e um milhar de notícias com textos, fotos e vídeos, além de fóruns de debates públicos e comunidades temáticas, foram criadas e inseridas simultaneamente, por iniciativas de várias partes do mundo, na plataforma chamada fsm2008.

net. O processo FSM dedicou infraestrutura e recursos à comunicação, e o resultado foi claro. Infelizmente, o projeto foi suspenso depois para dar lugar a novas experiências. Contudo aquela experiência única deixou ainda mais claro que não era possível dar voz efetiva aos que lutam por um outro mundo possível sem desenvolver redes próprias e livres de comunicação e confrontar os grandes conglomerados que controlam o direito à palavra e os modos de produção e difusão de conteúdo nas mais diferentes regiões do mundo. Assim, o movimento de comunicação compartilhada prosseguiu no apoio à cobertura das ações do FSM, no entanto passou a procurar espaços autônomos para debater sua ação política. Ainda em 2008, durante o I Fórum brasileiro de Mídia Livre, que reuniu coletivos e veículos independentes na defesa de políticas públicas e sustentabilidade para o setor, somou-se à proposta de organização de um seminário internacional de comunicação compartilhada no âmbito do FSM. Juntos, esses atores construíram as bases para o nascimento do primeiro Fórum Mundial de Mídia Livre, em Belém, dois dias antes daquela edição do Fórum Social Mundial. Era um ano de crise econômica mundial avassaladora, tema crucial daquele FSM e suas coberturas, e de diálogo com comunidades indígenas e tradicionais, aliadas das conexões virtuais do FSM por falta de infraestrutura, porém se apropriando aos poucos da produção audiovisual. A continuidade do FMML foi proposta em um seminário realizado no Senegal, no FSM 2011. A Assembleia de Convergência pelo Direito à Comunicação foi concluída com a aprovação da Carta de Dakar, que contou com a adesão de

mais de umas centenas de organizações de todo o mundo, reforçando a importância dos ativistas da mídia livre e da liberdade de expressão seguirem organizando-se internacionalmente. O resultado foi a sequência de Fóruns Mundiais de Mídia Livre no Brasil (Rio 2012), na Tunísia (Túnis 2013 e 2015) e no Canadá (Montreal 2016), além de vários fóruns nacionais e seminários regionais no Brasil, na Tunísia, Marrocos e na França, para a elaboração de uma Carta Mundial de Mídia Livre, lançada no ano passado. O documento, elaborado de maneira colaborativa, por meio de plataformas virtuais livres e encontros presenciais com a participação de mais de 30 países, afirma os princípios e estratégias para as lutas da comunicação e sua relação com os avanços sociais que tanto buscamos. Trata-se de uma plataforma de ações comuns, fruto da conexão entre o Fórum Social Mundial e o Fórum Mundial de Mídia Livre.

Os próximos desafios

Em sua última reunião, organizações que integram o Conselho Internacional do Fórum Social Mundial propuseram que o FMML se encarregue da Comissão de Comunicação do FSM – uma das instâncias suspensas – enquanto o Conselho e o próprio FSM discutem seu papel, sua incidência e seu futuro. Um chamado ao FMML, vindo do universo FSM, significa possivelmente um passo importante para o reconhecimento recíproco dos propósitos. O FMML é espaço de luta pela comunicação das vozes sociais. O FSM reúne os que precisam comunicar e conectar suas lutas. No entanto ainda existe uma pauta não superada no âmbito das relações entre os processos do FMML e do FSM. Trata-se da politização do esforço comunicativo. Os esforços mais claros nessa direção deram-se em 2005, com a opção do FSM pela migração ao software livre, somando lutas pelo conhecimento livre e contra as patentes, entre outros horizontes, rumo a Outro Mundo Possível. As formas de privatização e controle da informação,

do conhecimento e das oportunidades humanas, desde então, se aprofundaram, transformando dados pessoais em mercadoria abundante, sofisticando sistemas de vigilância e controle das multidões, massificando mecanismos de coleta e isolando as pessoas em suas próprias bolhas midiáticas, dentro de uma rede que, no início do século, se acreditava essencialmente livre. Agora estão em disputa, e seriamente ameaçadas, sua neutralidade, o direito à privacidade e toda liberdade de expressão. Corporações como Google e Facebook colonizam a internet, domesticam e organizam usuários e facilitam o fluxo de dados especializadas sobre comportamentos, preferências e vulnerabilidades das populações. As lutas e mobilizações globais disputam espaço nesse cenário loteado, em que os algoritmos contribuem para maior ou menor presença política, independentemente da legitimidade das reivindicações em curso. Aqueles que protestam nas redes falam para si mesmos. O eco dessas vozes está contido em bolhas virtuais. Em lugares mais distantes ou não economicamente rentáveis, a infraestrutura não chega. As vozes comunitárias são caladas por leis restritivas e pela repressão dos Estados. Em países com menor grau de democracia, os meios tradicionais de radiodifusão fazem o controle pretendido pela política. É o caso no Brasil, em que as redes e as grandes mídias asseguraram aparente adesão do público a um golpe institucional, contra seus próprios direitos. Transformar coletivamente esta realidade é a prioridade do Fórum Mundial de Mídia Livre. Enquanto isso, o Fórum Social Mundial, que nasceu como um espaço de reconhecimento entre lutas sociais, sintetizado no abraço presencial das suas edições, mas dependente das interações permanentes que fazem dele um processo comunicativo por outro mundo, precisa identificar, dentro e fora de si, o que ameaça sua vocação. Precisa abrir caminhos da comunicação onde estes são travados e mobilizar suas forças para uma interação mais ampla com a sociedade.

O processo FSM é chamado, neste momento, depois de seus 15 anos de caminhada, a expandir-se e dar visibilidade a tantas e tantas lutas que precisam de uma conexão global de resistência. Foram assim os protestos contra a guerra no Iraque e depois os levantes da Tunísia e Egito, e são ainda hoje os gritos de Gaza massacrada, as lutas atuais do povo curdo, do povo sarauí, das mulheres da RDC, dos indígenas das Américas, da juventude pobre e negra do Brasil. A renovação do processo FSM vem sendo cobrada e debatida pelos que se preocupam em preservar sua relevância para os atores que advogam a transformação social em todo o planeta. Um entre os desafios deste momento é reconhecer as novas dimensões em que as lutas se dão. É estabelecer uma profunda conexão com as mídias livres, seus ambientes alternativos, redes autônomas, suas vozes comunitárias e conhecimentos expropriados e contribuir para os atuais enfrentamentos políticos por democracia na

rede, pela governança participativa da internet, pela democratização da cultura e infraestrutura digital. É desse ponto que o FMML também acena por dentro ao processo FSM, com a perspectiva de aprofundar esse diálogo e fortalecer nossas lutas em comum.

*Rita Freire é jornalista, representa a Ciranda no Conselho Internacional do FSM e integra o Comitê Internacional de Mobilização do FMML (Fórum Mundial de Mídia Livre). Atua no FSM desde 2001.


Colaboraram Bia Barbosa, integrante da coordenação do Intervozes e do FNDC (Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação) e atuante no FSM desde 2004, e Erika Campelo, responsável por projetos internacionais e digitais da Rede Ritimo (França) e atuante no FSM desde 2009. Ambas também integram o Comitê Internacional de Mobilização do FMML.





Educar para outros mundos possíveis: os desafios do Fórum Mundial de Educação

Por Sheila Ceccon*

 Fórum Social Mundial, durante toda sua história, vem promovendo muitos movimentos e processos transformadores. Entre eles está o Fórum Mundial de Educação – FME. Em janeiro de 2001, durante a primeira edição do Fórum Social Mundial, foram realizadas várias atividades no campo da educação, chamadas de “Círculos de Cultura Paulo Freire”. Na ocasião, os/as participantes destas atividades propuseram a realização de um espaço de debate específico de educação, no interior do FSM, mais tarde denominado “Fórum Mundial de Educação”. A primeira edição do FME aconteceu em outubro de 2001, tendo como tema central “Educação no mundo globalizado”. Em janeiro de 2002, um conjunto de conferências, círculos de cultura e outras atividades sobre educação marcaram presença dessa temática na edição do FSM daquele ano e nas que se seguiram. Conforme afirmou Bernard Charlot em outubro de 2001, o FME tem como missão a luta pelo direito à educação e o enfrentamento de sua mercantilização. Segundo ele, “a redução neoliberal da educação ao estado de mercadoria ameaça o homem em sua universalidade humana e em sua construção como sujeito”. A educação não pode ser desvinculada dos direitos políticos, civis e econômicos, nem dos direitos sociais. Nesse sentido, a luta contra a mercantilização da educação é um dos desafios mais importantes da história contemporânea, tendo em vista que este modelo valoriza o econômico em detrimento do humano. É preciso construir enfrentamentos para tornar realidade uma educação emancipadora, comprometida com a consciência crítica. Educar

para outros mundos possíveis é educar para superar a lógica desumanizadora do capital, que tem no individualismo e no lucro seus fundamentos. É educar para transformar radicalmente o modelo econômico e político atual. É visibilizar o que foi escondido para oprimir, é dar voz aos que não são escutados, aos que foram silenciados. É educar para a utopia, para assumir a história como possibilidade, e não como fatalidade. (GAGOTTI, 2009). Nessa perspectiva, dando continuidade à missão assumida desde sua criação, o FME realizou atividades autogestionadas em janeiro de 2016, durante o Fórum Social Temático de Porto Alegre, e também em agosto do mesmo ano, durante o Fórum Social Mundial que teve sede em Montreal. “Atuação e desafios para a construção de outra educação para outro modelo civilizatório” foi o título do Seminário realizado pelo FME no contexto do FST de janeiro de 2016. Organizado em dois dias, o Seminário contou com a participação de cerca de 70 pessoas. A atividade teve início com uma mesa de diálogo mediada por Aléssio Surian (UNIPD e UPU, Itália) e Sheila Ceccon (Instituto Paulo Freire), tendo como debatedores Ramón Moncada (Corporación Conciudadania, Colômbia), Márcio Cruz (FREPOP, Brasil), Nélida Céspedes (CEAAL, Perú) e José Luis Pazos (CEAPA, Argentina). Depois de breves intervenções da mesa, os participantes organizaram-se em grupos e responderam às seguintes perguntas: O que fazer para que a educação esteja a favor da emancipação das pessoas e não da mercantilização do ensino? Como contribuir a partir da perspectiva da Educação Popular e de outros enfoques transformadores?


Entre as contribuições dos grupos, destacam-se: a educação escolar deve deixar de ser hegemônica, patriarcal e eurocentrista; voltar a repensar o que são, de fato, práticas democráticas e inclusão; educar para refletir e não para repetir; estimular o pensamento crítico; realizar práticas educativas contextualizadas, emancipatórias; tomar a comunidade como base para o currículo; retomar a amorosidade de que falava Paulo Freire; recuperar teóricos que marcaram época na América latina; garantir a escuta de todos/as, escuta que dê existência à fala do outro/a; praticar a democracia na escola, não tê-la apenas como norma; entender a cultura de maneira ampliada, incluir a cultura do território, trabalhar com o conceito de cidade educadora, de cidade como lugar de educação onde há uma multiplicidade de agentes educadores; construir, coletivamente, outra leitura da realidade. É preciso construir um discurso global que dê respostas à educação hegemônica; buscar “influenciar” os grandes poderes que mercantilizam a educação; disputar o significado das nossas palavras de luta; articular outros sujeitos educativos nos processos do FME; compartilhar experiências educativas concretas, buscando inspirar novas práticas, divulgar novas narrativas e experiências de educação alternativas. No segundo dia de Seminário, Moacir Gadotti (IPF, Brasil), Salete Camba (Clacso, Brasil) e Albert Sansano (STEPV, Valência) provocaram os presentes a refletir sobre a história e a importância do FME. Na sequência, organizados em grupos, todos/as foram convidados/as a responder à pergunta: como fortalecer o FME e ampliar seu poder de incidência, na perspectiva de enfrentamento à mercantilização vigente (da educação, da vida) e efetivação de uma educação pública e popular, crítica e emancipadora? Entre as respostas, destacam-se: reafirmar a educação como direito público estatal, laico e gratuito, realizada de forma crítica, popular e emancipadora; construir estratégias de

fortalecimento dos espaços de participação da sociedade civil, articulando movimentos sociais, sindicais, organizações de jovens e de idosos, para integrar as agendas e a luta em prol da educação emancipadora; buscar incidir, com pautas do FME, em planos de governo de candidatos a eleições. Em agosto do mesmo ano, durante o FSM 2016, o FME realizou a atividade autogestionada “Os desafios da educação popular ante a ofensiva neoliberal: a participação social e os direitos humanos”. Cinco convidados abordaram o tema sob diferentes perspectivas: Sheila Ceccon (IPF, Brasil e CEAAL), Kevin Settee (AEU, Canadá), Albert Sansano (STEPV, Valência), Miléne Lokrou (AELIÉS, Canadá) e Aléssio Surian (UNIPD e UPU, Itália). Na sequência, organizados em grupos, os participantes compartilharam suas concepções de educação popular, listaram ações educativas que consideraram referência na área e identificaram possibilidades de incidência, na perspectiva da construção de outro mundo possível por meio da educação. Como referência de educação popular foram citadas ações realizadas pela Unitierra (Pluriversidad San Cristobal Chiapas, México), pela Licenciatura em Estudos Interculturais (Curso para Indígenas, da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil), pelas Comunidades de Aprendizagem Intercultural e também pela Teologia Índia. Como disse Guimarães Rosa, escritor mineiro: A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem (Grande Sertão: Veredas, 1956). Que a nossa trajetória de 15 anos continue inspirando-nos para a construção da educação emancipadora e que a convivência com a diversidade seja o elo para que possamos permanecer desinquieta e lutando pelo inédito viável: uma educação pública, democrática e popular.

*Sheila Ceccon representa o Instituto Paulo Freire, uma das organizações fundadoras do FSM.

Parrhesia em Movimento no FSM2016 - Montreal

Por Orlando Vitor Noal Neto*

 Instituto Parrhesia Erga Omnes foi fundado em 2011, por egressos do sistema prisional e seus familiares, surgindo a partir da edição de 2012 do FSM Porto Alegre, quando tivemos a oportunidade de realizar nossa primeira atividade autogestionada que se chamou Direitos Humanos, Direitos constitucionais e Rap. Aproveitamos a grandiosidade do evento de renome internacional para inserimos pautas de assuntos até então não contemplados em outros espaços. Nesta perspectiva, o papel do FSM em nossas lutas foram as possibilidades de articulação que se iniciaram naquele ano. A partir daí, fizemos contatos e, passo a passo, fomos ampliando nossa rede que se faz a partir de um trabalho de base junto aos movimentos sociais e de comunicação popular. Em 2014 descentralizamos o FSM através do Parrhesia em Movimento junto as periferias da região metropolitana de Porto Alegre e a uma unidade da FASE, que atua com jovens menores privados de sua liberdade. Em 2015 tivemos a oportunidade de participar do FSM Tunis no qual nossas lutas ultrapassaram as barreiras dos idiomas e, através da batida do hip hop, tivemos a oportunidade de vivenciar o encontro com um Rapper Tunisiano que também era motorista de táxi, como Luis Felipe (Rapper Táxi) assassinado em 10 de junho de 2012. Após o Fórum da Tunísia, aproveitamos a articulação feita em rede e passamos uma semana na França onde fomos recebidos por amigas militantes sociais que nos apresentaram um pouco das periferias e arredores de Paris, mais precisamente, Saint Denis

onde a Associação Café Culturel fica situada. Ainda em abril de 2015, através de Ludivine Egounleti da Sortir du Colonialisme fomos apresentados ao pessoal da campanha internacional Free Mumia na Radio Liberaire. Desde então, seguimos atuando nesse link da luta anti cárcere, por isso adotamos para o Parrhesia em Movimento FSM2016 o slogan “Liberdad a todos los presos políticos”, nome de nossa principal atividade realizada em Montreal. Ainda pelo Canadá, lançamos no MAI (Montreal Arts Interculturales), a versão pocket do projeto cultural “A batalha da escrita”, o livro que relata a fundação e a luta entre o Instituto Parrhesia e as grandes mídias e sistemas corporativos. O livro utiliza-se do rap e das culturas de resistência e está disponível em 4 idiomas (francês, inglês, espanhol e português). A atividade foi apresentada pelo Advogado Régis Nodari, mestre em Direito e integrante do SajuServiço de assistência Jurídica Universitária da UFRGS. O Futuro do FSM segue com suas indefinições e incertezas de rumos e pautas discutidas por um Conselho Internacional composto, na sua maioria, de pessoas idosas da cor branca. As novas redes e movimentos sociais querem espaço de voz e o emponderamento dessas articulações através da adesão de novos membros. A próxima reunião do CI está marcada para janeiro de 2017, em Porto Alegre. Até lá seguiremos na luta por um outro mundo possível.

*Orlando Vitor Noal Neto é rapper mc, ativista social e diretor técnico do Instituto Parrhesia Erga Omnes. Atua no FSM desde 2012.



15 anos de FÓRUM SOCIAL MUNDIAL
balanços, desafios e perspectivas da luta por outro mundo possível







Bia Barbosa – **Intervozes**

Chico Whitaker – **Comissão Justiça e Paz**

Damien Hazard – **Abong | Vida Brasil**

Erika Campelo – **Rede Ritimo (França)**

Gina Vargas – **Articulación Feminista del MarcoSur**

Gustave Messiah – **CRID (França)**

Liege Rocha – **União Brasileira de Mulheres**

Mauri Cruz – **Abong**

Oded grajew – **Rede Nossa São Paulo**

Orlando Vitor Noal Neto (Sinistro) – **Instituto Parrhesia Erga Omnes**

Rita Freire – **Ciranda**

Sheila Ceccon – **Instituto Paulo Freire**

Uddhab Pyakurel – **South Asian Dialogues on Ecological Democracy – SADED (Nepal)**

Vijay Pratap – **South Asian Dialogues on Ecological Democracy – SADED / Vasudhaiva Kutumbakam (India)**



APOIO



PATROCÍNIO

